



AVENTURAS DE *Sherlock Holmes*



O TRAPEIRO DE PARIS



... procurava esconder alguma coisa ...

W 485-169 415

Uma boa bagagem para triunfar na vida

Qualquer pessoa pode ter **"O CURSO DOS LICEUS"**

sem despesas de matrícula
sem despesas de livros vários
sem freqüentar o Liceu
sem necessidade de professores

**Estudando em sua casa pelo método explicativo,
sem auxílio de mestre,**

"O Curso dos Liceus em Casa"

ou o

"Explicador sem Mestre em 20 Lições"

O que é esta interessante obra ?

São dois livros, com 640 páginas, contendo todas as matérias do programa dos Liceus, referente a cada classe.

Português, Francês, Ciências, Matemática e Desenho

São estas as disciplinas, que constituem a primeira classe dos Liceus, e sem necessidade de professores ou de outros livros. "O Curso dos Liceus em Casa", propõe-se ensinar numa forma prática e única ao alcance de todas as inteligências.

O curso completo da primeira e da segunda classe é constituído por 20 lições, assimiláveis por toda a gente que possua o exame de Instrução primária, podendo assim qualquer pessoa estudar, adquirindo por uma forma prática a cultura precisa, para, com mais probabilidades de êxito poder triunfar na vida dos negócios e na sociedade.

Toda a gente sabe que, por várias causas, nem todos podem comprar livros caros ou freqüentar os liceus. A freqüência dos Liceus, é dispendiosa e demorada, e só aqueles que não tem ocupação o podem fazer; eis pois a razão porque "O Curso dos Liceus em Casa" vem preencher uma lacuna e facilitar o ensino por uma forma interessante, em conformidade com os programas oficiais em vigor.

Serve utilmente aos alunos que cursam os três primeiros anos do Liceu, porque esta excelente obra, é um autentico explicador de todas as materias, evitando os prejuizos da falta de compreensão, ás explicações dos professores, e ainda quando o aluno falte ás aulas, por que ali encontra todas as lições explicadas, sendo por isso "O Curso dos Liceus em Casa" um precioso auxiliar e verdadeiro mestre da classe que o aluno cursar.

**Para que todos possam fazer uma ideia desta grande obra
enviamos a quem nos pedir uma lição gratis**

Damos na pagina seguinte, o nome de algumas escolas superiores, que já são nossos assinantes prova que esta obra é excelente, muito completa e prática, preenchendo o fim a que se destina.

Veja o preço desta obra no outro lado da capa.

ACD
823.91
D598.99
1342
v. 10 no. 22

O TRAPEIRO de PARIS

POR A. CONAN DOYLE

I

O crime da mulher perdida

Através das ruas do bairro de S. Germain em Paris caminhava um velho trôpego.

Os primeiros raios de sol esforçavam-se debalde por despedaçar a muralha de nuvens que se erguia sobre o horisonte.

A luz dúbia dessa madrugada, o vulto do ancião tinha qualquer coisa de fantástico. Dir-se-ia uma alma do outro mundo.

Contemplando-lhe porém a fisionomia rugosa, não era difícil reconhecer nele uma vítima do alcool, um homem estragado pelo abuso da aguardente e dos vinhos espirituosos.

De magreza horrível, o peso dos anos vergára nele a espinha dorsal, fazendo uma figura grotesca de quem porventura antigamente fora esbelto. As faces eram acobreadas, o nariz verrugoso, semelhante a um pedaço de basalto vermelho escavado e corroído pela acção do mar, e os olhos dum azul acizentado, constantemente húmidos.

E contudo, não era o que se chama repelente aquela figura de velho.

Tinha até qualquer coisa de amável, e muito pintor o invejaria decerto para

modelo, a-fim-de fixar os traços singulares daquela cabeça no esboço preparatório dum grande quadro futuro, que poderia muito bem intitular-se: O trapeiro de Paris.

O tio Carousse era com efeito trapeiro de profissão.

Pertencia a essa imensa classe cujos membros contam em Paris muitas centenas de pessoas, as quais examinam cuidadosamente o lixo da grande cidade, a vér se no meio dêle não haverá ainda qualquer coisa aproveitável.

Recolhem com especialidade os trapos e papeis velhos, que vendem depois aos agentes das fábricas de papel.

É verdade que nos últimos tempos tem esta indústria tido enormes progressos. Hoje podem-se abater florestas inteiras, e dos troncos das árvores fabrica-se papel, contudo o de melhor qualidade é ainda feito de trapo.

Naquela manhã trazia o tio Carousse o seu saco às costas, e ao passo que o segurava com a mão esquerda, apoiava a direita a uma bengala de que todos os trapeiros se servem para remexer os montes de lixo.

No verão e no inverno, usava sempre qualquer chapéu encontrado no lixo.

A cabeça era naturalmente coberta por uma enorme cabeleira.

Quanto ao vestuário, era este sem dúvida composto de peças encontradas entre os montes de trapo.

Trazia um casaco amarelo escuro, achado em qualquer canto do bairro de S. Germain, no qual não era difícil reconhecer ter pertencido outr'ora a um automobilista.

Duas tesouradas tinham adaptado essa peça de vestuário à sua actual categoria.

As calças azuis tinham em tempo pertencido a um brioso oficial de marinha.

Só a camisa parecia ter sido adquirida legalmente. Talvez que o velho a comprasse em qualquer adelo de Batignolles, onde costumam fornecer-se os trapeiros.

O tio Carousse assobiava despreocupadamente uma canção bregueira. Tinha bebido a costumada dose de absinto, e encontrava-se naturalmente de bom humor.

Dirigia-se de um monte de lixo para outro, examinando-os com a consciência de um naturalista.

Naquele dia a colheita não tinha corrido bem.

Um lenço, denunciando ainda com intensidade um perfume de *boudoir*, um par de meias de seda, que uma cosinheira da alta roda tinha deitado fóra, e uma panela velha, que poderia quando muito valer ainda dois ou três *sous*, constituíam os achados que o tio Carousse fizera naquella hora de pesquisas, à parte alguns trapos e papeis destinados à fábrica.

— Maus tempos! Maus tempos! cantarolava o velho. Que a humanidade já não é tão leviana, nota-se bem quando se está nesta profissão.

«Quando me lembro das coisas que se achavam antigamente aqui no bairro de S. Germain, ou noutro qualquer bairro elegante de Paris... Colhéres de prata, anéis, esquecidos na água de lavagens; até dinheiro e jóias se encontravam!

«Então ainda merecia a pena ser trapeiro...

«Hoje, mal chega para o absinto. Raio de vida!

O tio Carousse parou em frente de um monte de lixo, e começou a remexe-lo com a bengala. Ao mesmo tempo com-

templava as janelas de uma casa nobre, cujas cortinas estavam ainda corridas.

— Os felizes da terra dormem ainda, continuou êle no seu solilóquio.

«Embebedam-se com champanhe e não com aguardente.

«Aquilo é obra mais fina.

«Também não lhes tenho inveja por causa disso. Bebedeira é bebedeira, seja com vinho fino ou com o que fôr.

«E além disso, resta saber se uma *perúa* de champanhe me agradaria tanto como de absinto.

«A gente não larga com facilidade aquilo a que se habitua.

«De resto, sabe Deus se aqueles que neste momento dormem lá dentro, não terão de andar um dia pelas ruas de Paris, a juntar trapos velhos...

«Deu-se o caso comigo...

Já houve tempo em que eu vestia sobrecasaca e calçava bota de polimento, e tinha muita *massa* na algebeira...

«O diabo foi o vinho e as mulheres. E as estroinices que a gente faz neste mundo... Primeiro, a *coisa* é devagar, depois, cada vez se desce mais depressa...

«Nada... absolutamente nada, — continuou, voltando uma caixa de charutos vazia que acabava de encontrar — hoje em dia nem vale a pena curvar-se uma pessoa para apanhar qualquer coisa na rua.

«Bem, vamos andando... Talvez encontre qualquer coisa no *boulevard*. As *cocottes* andam sempre por ali, e esta canalha deita às vezes coisas fóra que ainda têm algum valor.»

E o tio Carousse lá foi cambaleando até à esquina do *boulevard*.

A rua estava quasi deserta.

Tinham apagado os candieiros à aproximação do dia, e as aves nocturnas acabavam de recolher aos ninhos.

«Lá está o meu monte de esterco predilecto, disse consigo o tio Carousse.

«Não sei porquê, mas imagino sempre que vou ali encontrar qualquer coisa que me fará feliz.

«Não sei o que me atrai a este sítio.

«Vamos a vêr se consigo descobrir hoje alguma colher de prata ou algum relógio de ouro.

«Estou bem precisado disso. O absinto está tão caro...»

No momento em que o tio Carousse ia remexer o lixo com a ponta da bengala, dobrou a esquina uma elegante figura de mulher.

Era uma rapariga dos seus 18 anos, extraordinariamente formosa, delgada, de seios erectos, toucada com um pequeno chapéu de palha sobre os cabelos de ouro.

Não vestia ricamente, mas havia no seu todo uma certa preocupação de agradar.

A hora a que andava pela rua, a expressão de fadiga que havia no seu rosto, as olheiras levemente acentuadas, deixava adivinhar uma dessas mulheres que por alguns francos estão dispostas a acompanhar o primeiro desconhecido a um hotel de pernoitar.

O tio Carousse interrompeu subitamente a sua tarefa, colocou a mão direita em viseira sobre os olhos e contemplou um instante a bonita rapariga que acabava de aparecer no *boulevard*.

— Lola... minha filhinha... Santo Deus... Pois és tu?

«Aqui está o que se chama andar com sorte. Há muitos meses que te não punha a vista em cima...»

A mulher parou, passando a mão pelos cabelos louros.

Olhou com indiferença para o trapeiro, verificou num relance de olhos que não havia ninguém nas proximidades, e respondeu:

— Bom dia, velhinho. Então não há maneira de deixares o absinto?

— Merece lá a pena, Lolita! respondeu o velho rindo.

«Pelos poucos dias que me restam de vida... Depois, lá diz o ditado: do berço à morte, a *perúa* é o meu forte...»

«Tu é que parece que não vais mal! Trazes uma blusa de seda, ainda que não seja nova; sapatinhos da moda... Caspitê! Meias de seda... Até uma saia de baixo bem bonita...»

O velho alcoolico juntou as mãos com admiração.

— Não tem importância. Isto é obrigação do negócio, respondeu a outra friamente.

«Mas podes crêr, meu velho, cada vez me aborrece mais ter que andar pelas ruas toda a noite...»

«Se pudesse encontrar algum *tipo* que casasse comigo, ainda que fôsse um modesto empregado ou um operário que não ganhasse mais que o pão de cada dia... Deixa estar que não estava nesta vida nem mais um instante.

— Também não precisavas ter chegado a isso, Lolita, disse o velho com serenidade.

«Se tivesses ficado comigo na cova dos trapos, nada te teria faltado.

Conquanto eu seja um velho ódre e um farrapilho perfeito, não podes dizer com verdade que eu te tenha algum dia deixado passar fome.

«Nunca te faltou o pão, e enquanto estavas comigo, era bem melhor.

A rapariga contraíu os lábios com desprêso.

— Então imaginas porventura que estou disposta a passar *larica*?

«Querias talvez que apodrecesse na cova dos trapos?

«A isso prefiro ser *borboleta*.

«Ainda que me veja obrigada por alguns francos a lançar-me ao pescoço do primeiro desconhecido, ao menos posso comer até ficar satisfeita e escuso de andar descalça...»

«Olha, vez este *luiz*? Deu-mo hoje um freguez. E andar com sorte.

«Mas lá na cova nunca eu teria visto em dias de minha vida tanto dinheiro junto.

O tio Carousse teve um riso amarelo.

— Tens razão, disse êle. Lá isso é que não podia ser.

E continuou a mexer no lixo com a ponta da bengala.

— Lola, exclamou êle de repente, quando a rapariga se preparava para seguir o seu caminho... Ao menos podes dar-me alguns sous... Tens bastante...

— Estás doido!... disse ela brusamente. Imaginas talvez que não preciso de dinheiro para mim?

«Sabe Deus se amanhã terei outro freguez que me pague tão bem. É preciso contar com o futuro...»

— Dá-me só dois sous, Lolita, continuou o velho na sua lamúria. Ao menos posso comprar uma *ameixa* para o almoço...

— Nessa não cáio eu, respondeu Lola com um olhar de desprezo. Talvez supinhas que tenho obrigação de te sustentar os vícios... Já me tens *chupado* bastante. Desanda para casa, mete-te na *pildra*, e coze-a, que é o que tu precisas...

— Descarada! resmungou o velho, continuando a sua tarefa.

«Com franqueza, eu gostava... gostava de...»

Mas o trapeiro não completou a frase. Deixou cair precipitadamente a bengala e ergueu do chão uma carteira que acabava de descobrir. Estava toda suja de lama.

— Olá, velho! Que tens tu aí? perguntou Lola vivamente. Santo Deus!... Mas isso é uma carteira...

— É uma carteira, é...

E as mãos do velho tremiam de comoção.

Examinou por todos os lados o precioso objecto, e os seus olhos brilhavam de alegria.

— Pois não há dúvida, Lola. E até fa jurar que não está vasia. Corto o pescoço se não tem qualquer coisa dentro. Talvez dinheiro...

«Eu sempre disse que este monte de esterco havia de fazer um dia a minha felicidade.

«Sempre tive predilecção por ele!

Falava dificilmente, com voz trémula, na ância da expectativa.

Estava tão comovido que nem podia abrir a carteira.

— Vamos, depressa! exclamou Lola. Queres talvez que venha aí a polícia, e sejares obrigada a entregá-la.

«Avia-te. Mostra cá isso.

Com um gesto sacudido arrancou a carteira das mãos do velho e abriu-a.

Soltou-se-lhe dos lábios uma exclamação de surpresa e alegria.

Mas o velho tinha visto também, e enquanto as mãos de Lola remexiam febrilmente o conteúdo, o tio Carousse esboga-lhava os olhos ante os massos de notas

do banco que saíam do interior da carteira.

— Mil... cem mil...

O velho exprimia-se com a voz rouca, cada vez mais trémula...

— Conta, Lola, conta...

«Duzentos e vinte mil francos... olha... mais... trezentos... quatrocentos, Lola! mais... meio milhão de francos!

— É verdade, deve ser meio milhão, respondeu a mulher com voz surda. Deus sabe quem o perdeu, mas seja lá quem fôr, não tornará a vêr o dinheiro...

— Não, lá isso não, minha filhinha, disse, o velho cambaleando um pouco. Nunca mais o torna a apanhar. Só se eu fôsse tolo!

«Meio milhão de francos. Estamos ricos, Lolita, podemos agora mobilar uma habitação decente... Diabos me levem se torno a beber a maldita geropiga do costume. Champanhe é que há-de ser!

«A ti, hei-de comprar vestidos de seda, e hei-de te arranjar um rapaz do teu gosto...

«Vais ser uma rapariga rica. Bem vês, apesar de me teres recusado os dois sous para uma *ameixa*, não me esqueço que sou o teu papá, e deixa estar que nos havemos de vingar bem das misérias passadas.

Houve um instante de silêncio.

— Dá cá isso, continuou o velho, estendendo a mão.

Lola segurou a carteira com vivacidade, apertando-a contra o peito.

Olhava de soslaio para o pai, com os olhos desmedidamente abertos, com expressão de fera.

— A carteira? rouquejou ela.

«Nessa não cáio eu. Não ta dou.

«Daqui a dois dias tinhas *cantado* tudo com a bebedeira, a polícia vinha a saber da coisa, e adeus minhas encomendas. Era uma vez um sonho de abundância e de vida sossegada...

Guardo eu o dinheiro. De vez em quando vai lá a casa, e apanhas uma moeda de dez francos...

O tio Carousse entreabriu a bôca e contemplou a filha com expressão de espanto.

— Hein?! Que dizes tu? Então não me dás a carteira?

«Qual de nós a achou?»

— É indiferente, tornou Lola. A carteira é que eu não dou.

O velho soltou uma imprecação:

— Estupor! Dás isso ou não dás? A carteira fui eu que a achei, e dá-te por satisfeita de receberes um par de mil francos...

«Vá. Deixa-te de lérias. Dá cá o milho. Senão, bem sabes o que o tio Carousse sabe dar para baixo mesmo que esteja bêbedo...»

A mulher abria entretanto o corpete, e escondêra a carteira no seio.

Ia a abotoar de novo a blusa, quando o velho se atirou a ela como um tigre.

— O meu dinheiro! Dá cá o meu dinheiro! Queres roubar-me? Enganas-te, se te atreves a...

Lola deu-lhe no peito um murro tão violento, que o velho cambaleou, e não pôde conservar-se mais tempo de pé.

Caíu pesadamente, como um corpo inerte.

A mulher olhou em torno, a ver se vinha alguém.

Depois curvou-se rapidamente, apanhou do chão a bengala de ponta de ferro, e rugiu brandindo a arma:

— Ah, tu queres transtornar a minha felicidade, velho ôdre? Pois enganas-te, se julgas que estou para complacências. Vais morrer, para não seres um obstáculo aos meus planos...

«Vais morrer como um cão, e depois poderei emfim viver descaçada!»

Com inaudita violência, levantou a bengala sobre a cabeça do trapeiro, quando este esboçava um movimento para se levantar, e vibrou o golpe...

A ponta de ferro cravou-se no crânio do velho, que caíu de novo, soltando um rugido de dor.

Pela fractura jorrou sangue em borbotões, e a massa encefálica espalhou-se sobre o lagêdo...

Lola arremeceu então a bengala para longe, e afastou-se daquele local tão depressa quanto possível.

Dobrou a primeira esquina, e retomou

logo o passo natural de quem não tem pressa de recolher a casa.

A sua fisionomia não tardou a serenar, e um sorriso *coquette* brincou-lhe nos lábios.

Dois homens caminhavam no mesmo passeio, em sentido contrário.

Um deles, elegantemente vestido, com o aspecto dum estudante do Bairro Latino aproximou-se de Lola, e parou na sua frente.

— Bons dias, princeza... Queres vir comigo?

— Deixe-me seguir, respondeu ela. Outra vez será; hoje estou muito cansada.

O estudante encolheu os ombros e foi andando.

— É pena, murmurou ele. A pequena é simpática...

Três horas depois, os transeuntes dos *boulevards* e das ruas da grande cidade que se dirigiam ao trabalho, pararam alguns momentos às esquinas, onde cabava de ser afixado um grande cartaz, com os seguintes dizeres:

10.000 francos de alviçasas

Hontem à tarde, foi entregue ao empregado da firma Bontou & Irmãos, Jacques Girardin, morador na rua Charpentier, 11, a quantia de 500.000 francos em notas do banco, para ir depositá-la no Credit Lyonnais em nome da casa.

Como se reconheceu duas horas depois Girardin não foi visto no Credit Lyonnais, não tendo assim cumprido o seu mandato.

Constatado o seu desaparecimento, surgiu a suspeita que Jacques Girardin tenha fugido com o dinheiro.

Jacques Girardin tem 57 anos, é alto, magro, cabelo grisalho e basto, bigode grisalho e olhos azuis. Sinais particulares: nenhum.

A firma Bontou & Irmãos dará de alviçasas a todo aquele que indicar o paradeiro de Girardin a quantia de 10.000 francos.

Caso o dinheiro seja reencontrado, as alviçasas elevar-se-ão à soma de 30.000 francos.

O presidente da polícia

II

Um pai cuidadoso

Tinham passado cinco anos sobre estes acontecimentos.

Num elegante *appartement* da rua Charpentier, dois homens apertavam efusivamente as mãos.

Um destes homens era o chefe da firma Bontou & Irmãos, um homem de certa idade, distinto, com o aspecto de um parisiense da melhor sociedade.

Usava pera grisalha, e era pequeno de estatura.

O outro, muito mais alto, tinha cara rapada, e o cabelo louro, já meio grisalho junto das fontes, emoldurava uma fronte que irradiava inteligência.

— Obrigado, mil vezes obrigado, meu caro senhor Holmes, exclamou o sr. Bontou, apertando cordialmente a mão do polícia. Agradeço-lhe imenso o ter correspondido tão depressa ao meu apelo.

«Não o esperava, realmente, pois sei quanto tem que fazer, e conheço o seu princípio de nunca abandonar negócio que tenha entre mãos.

— Realmente é facto, respondeu Sherlock Holmes.

«Mas o nome do senhor Bontou era para mim o suficiente para eu me dirigir aqui sem mais delongas.

«Nunca esquecerei que foi o senhor quem, na qualidade de membro do conselho do Banco Ottomano, me honrou outrora com a sua confiança entregando-me nas mãos a resolução de um caso importante, quando eu não tinha ainda fama alguma.

«Recorda-se? Foi por ocasião do roubo que o Banco sofreu, quando eu fui descobrir os autores no labirinto de Constantinopla...

«Com isso, meu caro sr. Bontou, tive ocasião de tornar conhecido o meu nome, e aqui está o que nunca esquecerei.

— Pelo contrário, sr. Holmes. Sou eu quem tenho a agradecer-lhe pelo serviço prestado nessa ocasião, pois não tardaram quatro semanas depois do roubo e

já os seus autores estavam presos, graças à sua diligência.

«Foi até a recordação desse facto que me levou a telegrafar-lhe agora pedindo a sua comparação em Paris.

«Mas tenha a bondade de sentar-se, meu caro sr. Holmes. Em que hotel se encontra? Sempre esperei que quizesse dar-me o prazer de ser meu hóspede...»

— Era pouco prático, sr. Bontou, disse o genial criminalista; preferi instalar-me no Grande Hotel.

«Tomei dois quartos e inscrevi-me com o meu nome verdadeiro. Comigo veio o meu fiel discípulo Harry Taxon, que me acompanha para toda a parte.

«Mas desde que se trate de qualquer questão criminal, fingiremos que partimos de Paris, e alugaremos uma casita em qualquer canto; é claro, sob nomes supostos.

«O sr. Bontou sabe de certo que é sob o meu incógnito que trabalho melhor...

— Bem sei, bem sei; disse o banqueiro.

«Todas as precauções que o sr. costuma tomar, conduzem sempre à descoberta do mistério...

«Agora queira ter a bondade de escutar o motivo que me levou a pedir-lhe a sua visita aqui.»

— Qualquer alcance no seu banco?

Bontou abanou tristemente a cabeça.

— Não, meu caro Holmes, respondeu êle. O caso é mais importante: é uma coisa bem dolorosa para mim.

«Queira acender um charuto, e escute com atenção!»

«Sou obrigado a falar-lhe duma triste questão de família, de um mistério...»

Sherlock Holmes acendeu o charuto e preparou-se para ouvir.

Bontou, que escondera o rosto com as mãos, tomou de novo a palavra.

— O sr. Holmes sabe perfeitamente que tenho sido bastante feliz nos meus negócios.

«Tendo começado mais que modestamente, vejo-me agora proprietário de uma das primeiras casas bancárias de França cujas transacções se fazem em todas as partes do mundo.

«Sou rico, muito rico. Isto é, tinha to-

das as razões para me considerar plenamente satisfeito com a vida.

«Mas nada neste mundo é perfeito, nem mesmo a felicidade humana.

«Também Deus me distribuiu a minha cruz, que bastante me faz sofrer agora.

«Minha esposa, que há dez anos descança na paz do Senhor, deu-me um único filho.

«Chama-se Maurício.

«Na adolescência distinguia-se êle pela aplicação ao estudo, que foi brilhante, e quando aos 18 anos o coloquei na minha firma, felicitava-me de o ter por filho.

«Estava convencido de que, logo que eu um dia fechasse os olhos, teria nele um continuador digno da grande obra que encetei, e que sob a minha direcção tanto tem progredido.

«Mas que valem projectos... que valem fantasias e castelos no ar?... O mais insignificante vento os destrói por completo.

«Maurício não correspondeu às esperanças que eu tinha nele.

«Não lhe faltava inteligência, é verdade; mas a vida da grande cidade exerceu sobre ella a sua maldita tentação.

«Esta grande, brilhante cidade doirada! Quantas vítimas não tem sacrificado já...

«Nada mais difficil que ser honesto nesta grande babilónia de Paris, e principalmente os filhos de boas famílias estão sujeitos a perigos de toda a sorte.

«Não creia, meu caro Holmes, que pertenço àquella categoria de fôreis que não sabem ou não querem comprehender a mocidade.

«Acho justíssimo que todos nós paguemos o tributo devido à verdura dos anos...

«Desta forma, deixei meu filhor ir até onde era lícito...

«Com 18 anos, dispunha êle do dinheiro sufficiente para sustentar 10 famílias modestas.

«Mas o rapaz começou a frequentar as más companhias...

«Fez dividas, que satisfiz pontualmente.

«Tornou a faze-las, tornei a pagar.

«Por fim decidi atalhar com energia, não pelo prejuizo que causava à minha

bolsa, porque não me arruinava com isso, mas por vêr que meu filho seguia o caminho da perdição e da deshonra.

«Falei-lhe longamente.

«Atirou-se-me ao pescoço e prometeu-me abandonar as companhias com que andava metido.

«Então prontifiquei-me a satisfazer de novo todas as dividas que porventura tivesse feito nos últimos tempos. Essa quantia montava a quarenta até cincoenta mil francos.

«Paguei, e devo confessar, desde êsse dia começaram a notar-se progressos na regeneração de Maurício.

«A diferença na sua maneira de viver foi tão repentina que começou a preocupar-me.

«Maurício retirou-se completamente dos seus antigos amigos, começou a passar todas as noites em casa, a cumprir com a maior regularidade os seus deveres no escritório... Tornou-se um verdadeiro modelo para os outros empregados.

«Contudo, não podia dissimular uma certa inquietação que bastante me preocupava como pai.

«Nervoso, muito nervoso, diziam os médicos que consultei sobre o caso. Muitas vezes constatei que meu filho tinha longas insónias, e ficava às vezes horas sentado no seu quarto, a cabeça apoiada nas mãos, como um neurasténico...

«Os médicos aconselharam Maurício a passar uma temporada em qualquer praia de banhos.

«Resolveu partir para Ostende, e deilhe para isso todo o dinheiro que precisava.

«Ficou nessa praia durante tôda a estacção, e quando voltou, admirei-me bastante da mudança que se operára nele.

«Voltava com boa côr, o olhar brilhante, a figura direita, enfim, parecia ter novamente renascido para a mocidade e para a vida.

«Não tardou em que eu não reconhecesse que não era somente devido ao clima e à mudança de ares a transformação de Maurício.

«Êle próprio me contou um dia que travára relações em Ostende com uma se-

nhora, a quem se dedicára de alma e coração.

«Não era mais nova do que elle, que contava ao tempo vinte annos. Mas os apaixonados não preguntam nunca pela idade daquellas a quem entregam o coração...

«Essa senhora tinha vinte annos feitos, e quando Mauricio me mostrou o seu retrato, fui obrigado a confessar que nunca em minha vida tinha visto formosura assim.

«Imagine, sr. Holmes; uma figura elegante e cheia de mocidade, alta e majestosa como a de uma rainha, um rosto encantador emoldurado numa cabeleira dum louro fulvo como nunca vi, e uns olhos ardentes, cheios de expressão... Ao ver esse retrato compreendi então que Mauricio se tivesse apaixonado daquela forma.

«Contudo para mim havia circunstâncias de ordem diversa que me levaram a hesitar antes de dar a minha opinião definitiva.

«Preguntei a meu filho quem ella era, e respondeu-me o seguinte:

— É orfã de pai e mãe.

«O pai era um coronel francez, morto na Algéria na guerra contra os Cabilas. «Tendo vivido com o coronel Dangermond muito tempo em Africa, voltou depois da morte d'elle para a Europa, e hospedou-se numa pensão elegante de Paris.

«Mauricio disse-me o nome dessa pensão, e tomei nota dela.

«— Não imagine, meu pai, continuou Mauricio, que Lola seja pobre. É possuidora de fortuna superior a 500.000 francos, depositada à sua ordem no Credit Lyonnais.

«Suplico-lho, meu pai, que dê o seu consentimento, e permita que una o meu destino ao de Lola!

«— E... está ella de accordo, perguntei.

«— Absolutamente, disse elle. Tem por mim o mesmo affecto louco que tenho por ella.

«O nosso maior desejo é casarmos, e tão depressa quanto possível.

«— Se tudo o que me dizes, ou antes, se tudo o que ella te disse é verdade, meu filho, não vejo razão para te negar o meu consentimento.

«É verdade que és ainda muito novo, mas há muita gente que tem a opinião de que o casamento aos vinte annos é o mais sensato de todos.

«Deixa-me pois alguns dias para eu tomar as minhas informações — sabes, Mauricio, quanto desejo a tua felicidade — e depois darei então o desejado consentimento.

«Onde está actualmente essa senhora? «— Em Ostende, onde espera ansiosamente notícias minhas.

«— Bem, respondi.

«No dia seguinte mandei tomar todas as informações possíveis.

«O Credit Lyonnais confirmou-me que, efectivamente Lola Dangermond tinha em depósito um capital 580.000 francos.

«Na pensão onde ella morava referiram-se a ella com a maior sympathia, dizendo que Lola Dangermond era uma senhora extraordinariamente amável à qual se não poderia fazer a mais pequena censura.

«Dirigi-me depois ao Ministério da Guerra, e perguntei pelo coronel Dangermond.

«As informações foram as melhores possíveis, o coronel era um homem de bem em toda a accepção da palavra e morrera ao serviço da pátria.

«Fôra condecorado com a Legião de Honra, e como eu pretendesse saber qualquer coisa sobre sua filha, disseram-me que era impossivel por falta de elementos dar qualquer informação sobre sua familia.

«Por fim dirigi-me a uma agência de informações, e por ella soube do seguinte:

«Dangermond enviuvara ainda novo, tendo sua mulher pertencido a uma familia aristocrata de França, e partira mais tarde para a Africa com sua filha.

«Sobre a vida do coronel em Africa não pude obter senão indicações vagas por intermédio da agência. Dangermond occupava um posto na fronteira, nos confins do deserto, e aí vivera em luta constante com os Cabilas. Era impossivel, pela dificuldade de inquérito, fornecer qualquer dado preciso sobre essa época.

«Mas eu sabia o bastante. Lola não tinha dito a meu filho senão a verdade.

«Reconheci que possuía considerável fortuna, que tinha bom carácter e descendia de família ilustre.

«Diga-me, sr. Sherlock Holmes. Havia porventura algum motivo para eu recusar o consentimento a meu filho?»

— Decerto que não, respondeu o polícia.

— Parti pois com Maurício para Ostende, conheci Lola, e 24 horas depois estava tão encantado, que eu próprio teria casado com ela, se meu filho não pretendesse fazê-lo. Dei com o maior prazer o meu consentimento e determinei que a cerimónia se realizasse dentro de quatro semanas.

«Durante esse praso, teve minha irmã, a viscondessa de Turnville, a amabilidade de oferecer-se para hospedar mademoiselle Dangermond, e posso afirmar-lhe que ficou tão encantada com Lola como eu próprio tinha ficado.

«Por ocasião do consórcio apareceu uma pequena dificuldade. Tratava-se dos papeis; Lola não possuía mais que a certidão de idade, era preciso arranjar a certidão de óbito do pai e ainda outros documentos.

«O nosso consul teve a amabilidade de resolver essa dificuldade.

«Soube nesta ocasião que Lola tivera uma irmã, que fôra vítima na Argélia de uma doença dos trópicos, e que essa irmã se chamava Rosa.

«Lola não se tinha referido nunca a essa irmã. Explicou depois que bastava citar-lhe o nome para reavivá-la a dor enorme que tivera ao perdê-la, e por essa razão nunca pronunciara uma palavra a tal respeito.

«Tudo estava em ordem.

«A cerimónia realizou-se, e Maurício foi com sua mulher habitar um elegante palacete dos Campos Elíseos, visto que eu não quiz consentir de forma alguma que os noivos pssassem a lua de mel nesta casa, onde porventura não teriam as comodidades de que ela era digna.

«A princípio parecia que o novo estado de meu filho lhe trouxera a felicidade completa.

«Pelo menos, todas as vezes que me

falava, Maurício assegurava-me que era intensamente feliz e que cada vez adorava mais sua mulher.

«Mas pouco a pouco comecei a notar que o rosto de meu filho se anuviava, que voltavam os velhos tempos de neurastenia... Observando também minha nora, acabei por convencer-me que Maurício se tinha enganado amargamente na escolha da esposa.

«Lola gostava de agradar e dar nas vistas, era garrida e falha de sentimentos, e parecia-me uma natureza extremamente sensual, que se afastava gradualmente do marido à medida que este adoecia.

«A casa de meu filho começou a ser freqüentada por uma sociedade que me agradava pouco.

«Os Bontous representaram sempre um nobre papel em França e estão ligados com as melhores famílias do tempo do império.

«Lola comtudo sentia-se mais atraída para a boémia.

«Recebia actores mediocres, escritores sem talento, acrobatas e gente de circo, aventureiros espanhóis e italianos, condes, cuja nobreza não resistiria à menor investigação; em suma, uma sociedade heterogênea que me entristecia bastante.

«Afastei-me naturalmente daquela casa, e Maurício não tardou muito que se fchasse sistematicamente na biblioteca, ao passo que no primeiro andar os salões resplandeciam de luz, a música vibrava e se dançava animadamente.

«Ainda não chegámos ao ponto onde eu careço dos seus serviços, sr. Sherlock Holmes.

«Há precisamente catorze meses fui eu surpreendido pela visita de minha nora.

«Há muito que as nossas relações eram frias; ela sabia bem que nada me passava despercebido.

«E como há algum tempo eu deixara de ter atenções para com ela e de lhe levar valiosos presentes sempre que a visitava, era eu para ela se não objecto de ódio, pelo menos de indiferença.

«Havia quatro semanas que a não via, e cerca de quinze dias que não falava com Maurício.

«— Que aconteceu? perguntei ao vê-la.

«Estará meu filho doente?

«— Seu filho? exclamou ela. Porquê? não veio despedir-se do senhor?

«Não sabe que partiu para uma grande viagem através do mundo?

«— Como?! Maurício partiu de Paris, sem me vir apertar a mão, sem sequer me dizer adeus? É quasi impossível...

«— Tivemos uma pequena discussão, tornou ela, e de repente meu marido exclamou:

«— Não me verás durante algum tempo, talvez tenhas mudado quando eu voltar. Vou fazer uma viagem pelo mundo.

«Primeiro supuz que era brincadeira, mas ele partiu nessa mesma noite. Eu própria lhe vi o bilhete da Agência Cook, de onde depreendi que efectivamente Maurício ia dar a volta ao mundo.

«Que Maurício estava doente já eu sabia. Porque razão não teria ele pois partido, subitamente para uma longa viagem?

«Não me admirei do facto, só extranei comtudo que o tivesse feito sem ao menos se despedir de mim.

«De então para cá decorreram catorze meses. Nunca mais tive noticias de meu filho, nem o mais pequeno sinal de vida chegou até mim. Começo a inquietar-me seriamente.

«Não me repugna a hipótese—e dizendo estas palavras o senhor Bontou olhou para todos os lados como para se certificar que ninguém o escutava— não me repugna nada a hipótese de que tenham armado qualquer cilada a meu filho.

«Quem sabe se o terão atraído a qualquer cidade estrangeira para o matar...

«Tremo só ao lembrar-me disso. Esta ideia fixou-se no meu espirito há poucos dias, e como não sabia que fazer, foi por isso que lhe telegrafei, meu caro Holmes, e lhe pedi que viesse quanto antes a Paris a fim de aclarar este mistério.

«Agora, que conhece bem os factos, peço-lhe que me diga que lhe parece isto tudo.»

O grande criminalista apoiou o queixo na mão e franziu as sobrancelhas com modo pensativo.

— É preciso observar, disse elle bruscamente após alguns instantes de reflexão.

«Supõe que, no caso de terem feito mal a seu filho, a sua nóra esteja metida no caso, senhor Bontou?»

Por muito terrível que seja essa hipótese, vejo-me obrigado a confessar que é essa a minha opinião, sr. Holmes.

— Onde mora madame Bontou? tornou o polícia.

— Nos Campos Elísios, rua do Jardim, 73.

— Sua nóra tem algum amante?

— Não posso assegura-lo. Contudo, é provavel...

— E tem ainda fortuna? continuou Sherlock Holmes.

— Dispõe à vontade da fortuna dela, que creio ter aumentado muito no decorrer dos tempos, pela razão de que todas as despesas eram feitas por meu filho, o qual se tornou sócio da minha firma.

«Todos os mezes mando a casa de minha nóra a sua parte nos dividendos.»

— Perguntou alguma vez na casa Cook se a história do bilhete é verdadeira?

— Absolutamente verdadeira.

Meu filho mandou encomendar o bilhete na agência e mandou-o buscar depois por um criado.

— Então, pessoalmente não esteve lá...

— Não.

— Quem era a pessoa que foi buscar e pagar o bilhete?

— Os empregados da agência Cook supõem que tenha sido um criado.

— Diga-me, sr. Bontou, perguntou algumas vezes aos criados de seu filho se algum deles fôra encarregado de fazer esse serviço?

— Impossível. Minha nóra substituiu entretanto todos os criados, e o pessoal antigo dispersou-se sem deixar vestígios.

— É muito interessante. Quando numa casa se muda de criados, é quasi sempre um sinal certo de que houve qualquer coisa de anormal ou que vai passar-se qualquer incidente no intervalo entre a saída dos antigos e a entrada dos novos...

«De resto pode estar descansado, farei tudo o que em minhas forças couber para descobrir o paradeiro de seu filho.

«Por enquanto é escusado pensar num crime.

«E bem possível que Maurício tenha efectivamente para a tal viagem à volta do mundo».

O polícia apertou a mão do banqueiro e prometeu voltar muito breve.

Atravessou lentamente o labirinto de Paris, em cujas ruas se cruzava incessantemente a multidão, parou aqui e ali diante das montras intensamente iluminadas, e chegou finalmente ao Grande Hotel, onde se tinha instalado.

Quando subia para o seu quarto, veio de repente ao seu encontro um homem novo, vestido decentemente mas com simplicidade.

— Queira desculpar, disse o rapaz, curvando-se. É ao célebre criminalista Sherlock Holmes que tenho a honra de falar?

— Sou eu próprio.

«Que deseja de mim?» perguntou Holmes com um fio de mau humor, pois contrariava-o visivelmente falar-lhe um estranho naquele local.

— Oh, sr. Holmes! Tenha a bondade... Dê-me dois minutos de atenção...

«Suplico-lhe, não me despeça antes de me ouvir. Trata-se de um caso em que periga a honra de um morto.

É um filho que vem suplicar-lhe que salve a honra de seu pai, que repousa na paz do túmulo...»

O célebre polícia olhou-o com os seus olhos claros numa interrogação muda.

Examinou num relance o seu interlocutor e teve um gesto satisfeito. Como fisionomista emérito, não duvidou das palavras que acabavam de ser-lhe dirigidas pelo mancebo, um adolescente de cabelo louro apartado ao lado, barba em ponta e olhos azuis, que lhe deu a expressão de uma excelente creatura.

— Venha comigo, disse Sherlock Holmes, conduzindo-o ao quarto que tinha tomado com seu discípulo

Primeiro foi verificar a presença de Harry Taxon no quarto contíguo. Em seguida indicou ao mancebo uma cadeira e disse-lhe:

— Seja breve, nada de pormenores inúteis. De que se trata?

— Chamo-me Francisco Girardin, respondeu ele. Meu pai era empregado na contabilidade da firma Bontou & Irmão...

— Bontou & Irmão?! exclamou Sherlock Holmes surpreendido.

«Como se chamava seu pai?

— Jacques Girardin.

«Há cinco anos, em agosto, mandaram-no fazer um depósito de 500.000 francos ao Credit Lyonnais. Era um empregado de confiança...

«O dinheiro estava metido numa carteira preta de couro, e constava de quinhentas notas de mil francos.»

— Devia ser uma carteira de grandes dimensões.

— Sem dúvida. Meu pai trazia-a sempre numa espécie de mochila solidamente presa por correias...

«Nesse dia não apareceu no Credit Lyonnais. O dinheiro não foi por consequência depositado.

«Supoz-se portanto que meu pai tivesse roubado o dinheiro, e fugido.»

— Não se pode levar a mal ao sr. Bontou essa suspeita, disse o polícia. E se pensar bem há-de dar-me razão, pois 500.000 francos não são brincadeira...

— Em todo o caso, sr. Holmes, respondeu Girardin, é duro vêr-se apodado de ladrão depois de ter, durante muitos anos de vida honesta e impecável, adquirido a confiança absoluta dos chefes.

«E a situação do filho é bem mais triste ainda, por estar firmemente convencido da inocência do pai, e não poder apresentar prova alguma dessa inocência.

«A polícia pôs-se logo em campo, mas não foi capaz de descobrir um vestígio de meu pai.

«Colocaram-se grandes cartazes nas esquinas, onde meu pai era tratado como um ladrão.

«Passaram quinze dias.

«Duas criadas, do serviço da família Bontou, subiram um dia às águas furtadas do prédio para estender roupa, e ao abrirem a porta, soltaram um grito de horror.

«Suspenso numa trave baluçava o cadáver de um enforcado. Era meu pai.

— Tinha-se suicidado, pois? Inquiriu Sherlock Holmes.

— Não, respondeu Francisco Girardin com firmeza. Meu pai foi vítima de um assassinato.

— E não se encontrou o dinheiro desaparecido?

— Não se descobriram vestígios dele. Os 500.000 francos não tornaram a ser encontrados. E à carteira sucedeu o mesmo.

— E a mochila, onde seu pai costumava guardar a carteira?

— Essa foi encontrada mais tarde na mansarda onde meu pai apareceu morto. Estava misturada num monte de trapos...

— Diga-me uma coisa, tornou Sherlock Holmes. Havia no corpo de seu pai alguns sinais de ferimentos externos, ou estabeleceu-se com certeza que foi vítima de morte por enforcamento?

— Os peritos foram de opinião que meu pai se suicidara, e a morte fôra devida a enforcamento.

«Mas os médicos enganaram-se com toda a certeza. Meu pai não se suicidou. Mataram-no, para lhe roubar a enorme quantia de que era portador».

— Mas nesse caso o que pretende o senhor de mim?

«Seu pai está enterrado há muito, o dinheiro nunca mais apareceu, o sr. Bontou, que é imensamente rico, já se consolou há muito da perda daquele capital. Como posso eu agora ocupar-me desse pretendido assassinato, depois de passado tanto tempo sobre os factos! Que posso eu descobrir de positivo nisso tudo?»

— Oh, sr. Holmes, disse Girardin suplicante. Todos sabem que o senhor consegue sempre aquilo que quer.

«Nesse tempo tinha eu desassete anos, não sabia nada do senhor, e não tinha energia suficiente para me ocupar do que hoje considero para mim uma questão de honra. Agora, o caso é outro...

«Tenho economisado 4.000 francos, pois sou empregado da fábrica dos srs. Dimolin & C.»

«Muitas vezes fiz serões, muitas vezes fui ridículo aos olhos dos meus camaradas. Não fumo nem bebo. Assim conse-

gui juntar o dinheiro necessário para reabilitar a memória de meu pai.

«Sr. Holmes, os 4.000 francos são seus, se quiser fazer-me a esmola de se ocupar deste assunto, quer tenha êxito, quer não.

— Êsses 4.000 francos ficam propriedade sua, meu caro Girardin, disse Sherlock Holmes sorrindo. Aconselho-lhe a que fume, a que beba e se divirta, pois ainda está no vigor da mocidade.

«E como o senhor é um homem de bem vamos a vêr se consigo aclarar este mistério ao fim de tanto tempo.

«Está nas minhas mãos o negócio. Pode ir descansado.»

Pouco faltou para que o mancebo lhe beijasse as mãos.

Holmes retirou-as com um movimento enérgico.

— Dê-me antes a sua morada, disse o polícia quasi bruscamente.

Francisco Girardin escreveu a morada num pedaço de papel, balbuciou ainda alguns agradecimentos e retirou-se com as lágrimas nos olhos.

Holmes começou a passear no aposento com as mãos atrás das costas.

— Esta história interessa-me muito mais do que este rapaz pensa, murmurou êle.

«Na casa Bontou desenrolou-se um drama revestido das mais singulares circunstâncias.

«Há cinco anos que o empregado da contabilidade desapareceu, e a casa Bontou sofreu um prejuizo de 500.000 francos.

«Parece-me que Bontou me contou hoje que precisamente há cinco anos... sim foi isso!... mas não tem importância. Que precisamente há cinco anos entrou seu filho como empregado da firma nos negócios do pai, e começou uma vida de dissipação e orgias...

«Mas o que este homem me contou sobre o pretendido crime de seu pai não basta para mim. Preciso de saber mais... Harry!»

Harry Taxon, que esperava no quarto contíguo, recebeu ordem de se arranjar para acompanhar o mestre.

Poucos minutos depois tomavam ambos lugar numa carruagem e dirigiam-se à perfeitura de polícia.

III

As actas secretas da polícia de Paris

Sherlock Holmes conhecia perfeitamente a organização da polícia de Paris.

Todos os empregados superiores da perfeitura o cumprimentaram respeitosa-mente e lhe perguntaram se desejava falar com o perfeito, que o recebia sempre com imenso prazer.

— Não, respondeu Sherlock Holmes. Outra vez falarei com o perfeito. Está cá o sr. Augustin?

O velho Augustin era um dos agentes mais antigos da polícia judiciária de Paris.

Sherlock Holmes tinha tido por outras vezes ocasião de falar com este velho polícia, que se não possuía outra particularidade, era senhor de colossal memória e um empregado essencialmente diligente.

— Peço o favor de mandarem Augustin procurar-me ao arquivo, disse o genial criminalista.

«Desejo consultar alguns volumes antigos do *Journal*, onde espero encontrar certas indicações.»

Não há de certo lugar mais interessante que o Arquivo da polícia de Paris.

É uma sala imensa, cheia de estantes onde se enfileiram volumes enormes encadernados em carneira.

Nestes volumes estão descritos todos os acontecimentos criminais de Paris, e como a capital de França é o coração da Europa, a biblioteca do Arquivo de Paris contém a crónica de todos os crimes que há dezenas de anos se teem praticado no velho continente.

Mas também se encontram aí descritos os dramas representados além-mar, perfeitamente documentados ségundo rigoroso método.

O bibliotecário perguntou em que poderia servir Sherlock Holmes.

— Meu caro amigo, respondeu o polícia, desejava consultar o *Journal* de 7 de agosto de 19... e os dias seguintes.

O bibliotecário chamou dois criados, e ordenou-lhes que apegassem das estantes os desejados volumes.

Holmes e Taxon sentaram-se a uma mesa, e o polícia começou a folhear o *Journal* com a data de 7 de agosto de 19...

Tudo o que nesse dia se tinha passado de importante em Paris estava descrito ali, mas mais alguma coisa além disso.

Cada agente de polícia devia escrever também as suas observações pessoais, de forma que se podia ter uma ideia segura da actividade de toda a polícia de Paris.

Depois de ter procurado algum tempo Sherlock Holmes exclamou:

— Cá está o caso Girardin. Não há dúvida, tudo se passou como o rapaz me contou hoje.

«No dia 7 de agosto registou-se o desaparecimento no empregado da firma Bontou & Irmãos, e ao mesmo formula-se a suspeita de que ele tenha roubado o dinheiro e fugido para parte incerta.

«Mas à margem há uma nota que o meu velho amigo Augustin escreveu:»

«Investigações feitas sobre a personalidade de Girardin, o empregado da contabilidade desaparecido, tornam pouco provável a hipótese de que o mesmo tenha praticado um roubo contra o seu patrão de tantos anos.

«Girardin vivia desaforadamente, e era conhecido como homem sério e trabalhador, que nunca, durante toda a sua vida, praticara o mais pequeno acto capaz de manchar-lhe o carácter.

— Outra observação, continuou Sherlock Holmes. Foi escrita mais abaixo, e procede igualmente do punho de Augustin.

«Observei um pouco a casa Bontou & Irmãos. Bontou senior é homem conhecido pela sua honradez, excelente negociante, sóbrio, cheio de carácter. Seu filho Maurício, pelo contrário, é um temperamento de sonhador, precipitado na onda dos prazeres de Paris; dizem que tem muitas dívidas.

«O pessoal é constituído por personalidades neutras; ninguém sabe que a quantia de 500.000 francos foi confiada a Girardin para depositar no Credit Lyonnais.

«Só três pessoas conhecem esse facto: O chefe da firma, Bontou senior, o sr. Tropinard, primeiro guarda-livros e tesoureiro da casa, homem tranqüilo e desapaixonado, e *Maurício Bontou*, o filho do chefe.»

— Diabo, continuou Sherlock Holmes. Porque razão teria Augustin sublinhado o nome de *Maurício*? Éle próprio o explicará quando chegar.

«Harry, tens aí o 8 de agosto?»

— Aqui está, sr. Holmes.

O polícia começou a folhear o *Journal* desse dia.

Lá estava a continuação do caso do desaparecimento de Jacques Girardin.

A notícia dizia que nenhuma pista fôra descoberta ainda, e como o dinheiro também não tinha aparecido, mais visos de realidade tomava a hipótese de que o empregado tivesse praticado um roubo.

Telegrafavam de Havre que tinha sido visto ali um homem com os sinais de Girardin.

A polícia daquela cidade recebera instruções para averiguar com segurança a identidade do individuo em questão.

De resto, a todos os portos franceses fôra comunicada ordem de prisão para todo aquele que tentasse embarcar e cujos sinais coincidissem com os do suposto criminoso.

Sherlock Holmes pôs de parte o *Journal*.

Depois encostou-se na poltrona e semi-cerrou os olhos. Reflectia.

— Sempre a eterna história, murmurou êle. Quando se dá um crime, as atenções da polícia voltam-se imediatamente para uma determinada pessoa.

«Admitem-se todas as hipóteses que possam vir confirmar esta suspeita, tudo serve nesse caso para atear o incêndio.

«Com que provas se podia contudo afirmar que Girardin tivesse fugido com e dinheiro? Primeiro era preciso demonstrar que êle tivesse partido de Paris, e depois, que razões teria um homem na idade de Girardin para roubar de repente, sem mais nem menos, 500.000 francos?»

«Esse homem tinha um filho querido,

tinha a sua casa... Deixá-los-ia assim de repente?»

«Em todo o caso, a polícia de Paris foi bastante imprudente nesta diligência.

«Devia ter dirigido as suas vistas para outros lados. Devia ter perguntado a si própria: a quem seria possível assassinar Girardin com o intuito de o roubar?»

«Não era a primeira vez que sucedia ser um empregado de um banco atraído a uma cilada, e assassinado depois de lhe ter sido roubado o dinheiro».

Sherlock Holmes abriu novamente o *Journal* e foi passando a vista pelas páginas seguintes.

Esperava encontrar ainda alguma coisa sobre o caso Girardin.

Nada encontrou porém. Estavam documentados todos os acontecimentos do dia 8 e nada mais.

Um grande incêndio na rua Poissonniere, um choque de carruagens, em que fôra vítima um homem, um arrombamento na loja de um ourives do Boulevard dos italianos e...

— Ah! cá temos um artigo comprido, exclamou o criminalista, parece-me que não deve deixar de ser interessante.

«É verdade que não tem nada que ver com o caso Girardin, mas intitula-se: *Assassinato de um trapeiro*. Vamor a vêr o que é isto?...»

E Holmes leu o seguinte, escrito no estilo incolor dos relatórios oficiais.

«Quando esta manhã o polícia Fadnard passava pelo Boulevard Hausmann, reparou num corpo humano caído sobre um monte de lixo.

«O agente supoz que se tratava de um êbrio e curvou-se para o ajudar a levantar.

«Só então notou que tinha um cadáver na sua frente, e não escapou ao agente que esse homem fôra vítima duma violência.

«O rosto estava coberto de sangue e o crânio despedaçado. Mal podiam reconhecer-se os traços fisionómicos.

«Imediatamente se juntaram algumas pessoas no local, e o polícia mandou participar o seu fúnebre achado à esquadra próxima.

«O cadáver foi transportado para ali e mais tarde para a perfeitura.

«Reconheceu-se que se tratava de um trapeiro muito conhecido nos arrabaldes pelo nome de tio Carousse.

«Não foi possível averiguar se é esse o verdadeiro nome do assassinado. Toda a gente porém o conhecia pelo nome acima referido.

«O tio Carousse entregava-se habitualmente à embriaguês. Morava num subterrâneo da rua Planche, do qual fazia quarto de dormir e depósito de trapos.

«Os peritos constataram que a morte devia ter-se dado meia hora antes de ser encontrado o cadáver.

«A morte fôra com efeito causada pela destruição da caixa craneana. O instrumento do crime foi encontrado no local.

«Era uma bengala de que o próprio Carousse costumava servir-se para remexer os montes de lixo.

«Na ponta de ferro desta bengala constatarem os peritos a presença de sangue e de alguns cabelos brancos pertencentes ao trapeiro.

Como Carousse era muito pobre, não pode admitir o roubo como mobil do crime. Supõe-se que, no estado de embriaguês em que se encontrava, tivesse tido uma discussão com qualquer transeunte, e tenha sido vítima deste último.»

— E' uma história banal, murmurou Sherlock Holmes encostando a cabeça às mãos. O que é extraordinário é que este facto se tenha passado numa rua aristocrática.

«E' verdade que às cinco horas da manhã não devia esta rua ser muito frequentada, mas os habitantes deviam ter despertado ao ruído de qualquer discussão violenta.

«Ah! um aditamento, exclamou de repente Sherlock Holmes. E é ainda a letra de Augustin.

«*Achado importante.* Nas primeiras horas da manhã apresentou-se na perfeitura a vendedeira de leite Sinette, depositando uma nota de mil francos que declarou ter encontrado no Boulevard Hausmann, vinte passos distante do local

onde foi descoberto o cadáver do tio Larousse.

«A nota do banco fôra evidentemente pisada e estava deteriorada e coberta de lama.

O polícia começou a assobiar devagarinho.

— Queira desculpar, sr. bibliotecário, exclamou ele de repente. Esquecera-me que estava na sua presença...

— Oh, sr. Holmes, faça favor de estar à sua vontade.

— Não sei se sabe, continuou o criminalista, que só assobio quando encontro uma ideia aproveitável.

Holmes levantou-se e começou a passear na sala, falando consigo mesmo, mas tão devagar que nem Taxon nem o bibliotecário percebiam palavra.

— Vinte passos distante do monte de lixo onde foi assassinado o tio Carousse encontrou-se uma nota do banco.

«Esta nota era de mil francos.

«Ora o filho de Girardin disse-me que a quantia confiada ao seu pai constava de quinhentas notas de mil francos. E as pessoas que perdem uma nota de mil francos costumam imediatamente dar parte do facto na polícia.

«De sorte que, ao que parece ninguém se importou com essa nota.

«Quem pode deixar de se importar com uma nota do banco que perdeu?

«Só a pessoa que a adquiriu irregularmente.

«É pois evidente que o indivíduo que perdeu essa nota próximo do local do crime não tinha a consciência tranqüila.

«Bem. Parece-me que tudo se vai aclarando. Como por encanto estabelece-se uma ligação entre dois factos, que a princípio nada pareciam ter um com o outro.»

— Sr. Holmes, muito bons dias.,,

O agente Augustin acabara de entrar na sala e dirigia-se sorrindo para o criminalista.

Sherlock Holmes contudo parecia não reparar nele.

O seu olhar, até então fixo num ponto do chão começou a vaguear pela sala.

— O tio Carousse era um trapeiro, con-

tinuou êle no seu monólogo. O que faz um trapeiro? remexe o lixo que encontra pelas ruas.

— Sr. Holmes! Então não fala ao seu velho amigo Augustin? Dá-me licença.

— Não dou licença para coisa alguma! disse o polícia bruscamente, continuando a murmurar consigo:

«O tio Carousse foi assassinado naquela madrugada, e o facto de lhe ter sido encontrada a bengala prova que se encontrava no exercício das suas funções... que remexia o lixo do Boulevard...»

— Mas, senhor Holmes, que mal lhe fiz eu para se não dignar sequer deitarme os olhos?...

— ...Remexia o lixo do Boulevard, continuou o polícia com energia, e nesse lixo podia muito bem ter feito qualquer achado importante.

«Por exemplo: uma nota de mil francos. Qual?! Nesse caso não a teria largado mais...»

«Quem sabe? Talvez o envolvero que continha essa nota.»

«Talvez... talvez...»

— Pelo amor de Deus, sr. Sherlock Holmes! disse Augustin.

E depois dirigindo-se a Taxon:

— Estará o mestre doente?

— Pelo contrário, respondeu Harry, nunca o sr. Holmes esteve mais lúcido do que neste momento...

Estou convencido que acaba de fazer uma grande descoberta.»

— Talvez uma carteira! exclamou de repente Sherlock Holmes com voz trovejante. Supunhamos uma carteira, e que nessa carteira se não encontrava uma só nota de mil francos, mas muitas... Supunhamos: quinhentas notas de mil francos...

Supunhamos ainda que essa carteira pertencia à firma Bontou, que Girardin se tivesse desfeito dela. Mas não, é impossível. Se êle tivesse querido roubar o dinheiro, fugia com êle, em vez de o atirar fóra.

«Outro a terá atirado, outro, que cubiçou primeiro a carteira, mas não quiz depois utilizar-se dela.

«Outro, que talvez tomado de horror

ao vêr êsse objecto, ao sentir o peso da consciência, outro, arrependido de ter procedido mal, de ter... ah! Augustin! Augustin! meu amigo, então como vai isso? Venha de lá êsse cordeal aperto de mão, que estimo bastante tornar a vê-lo agora...»

«E aproveito a ocasião para lhe dar uma novidade, embora o facto a que ella se refere se tenha passado há cinco anos a esta parte.

«Augustin, continuou Holmes, baixando gradualmente a voz, e poisan-do as mãos nos ombros do agente; Augustin, sabe porque motivo foi assassinado em 8 de agosto de 19... o trapeiro Carousse?...»

«Para o roubarem, Augustin; para lhe tirarem aqueles 500.000 francos, por causa dos quais o empregado da firma Bontou & Irmãos, Jacques Girardin, um homem de caracter em toda a acepção da palavra fóra nessa noite assassinado por um desconheido...»

— Que extraordinária hipótese, sr. Holmes!

— Tem razão, por ora não passa de uma hipótese, respondeu sorrindo o polícia, mas pode estar descansado que eu a demonstrarei.

«Eu provarei que o tio Carousse e Jacques Girardin foram ambos assassinados por causa dêsse meio milhão...»

IV

Uma Formosura parisiense

— Tenha a bondade de entregar o meu cartão à senhora.

Um homem elegantemente vestido, de suissas loiras, entregou um cartão de visita a uma criada, que desapareceu immediatamente atrás do reposteiro.

Esta cena passava-se à porta de um elegante palacete dos Campos Elíseos, na rua de Jardim, 73.

Era a casa de Maurício Bontou há mais de um ano habitada só por Madame Bontou.

A criada entrou no *bondoir* da senhora

que terminava precisamente a sua *toilette*, e entregou-lhe o bilhete de visita.

— O coronel Lincoln? Não conheço ninguém com este nome, disse a dona da casa, uma elegante e formosíssima mulher de cabelos dourados, amarrotando o bilhete entre os dedos. Que deseja de mim o sr. coronel?

— Não sei, minha senhora. Êle diz que precisa falar a V. Ex.^a.

— E velho ou novo?

— Hum... Talvez 40 anos. É possível até que seja mais novo. É um inglês com aspecto muito distinto.

— Então mande entrar.

Lola Bontou olhou-se ainda uma vez ao espelho, e passou rapidamente as mãos pelo cabelo. Teve um gesto satisfeito.

A sua figura majestosa de Juno deixava-se adivinhar na vaporosa *matinée* azul celeste que lhe caía até aos pés.

O seu cabelo tinha aquela côr fulva com que Ticiano emoldurava os seus rostos de mulher.

Em suma, possuía todos os encantos, todas as seducções com que uma mulher pode fazer perder a cabeça ao homem mais sensato.

Em cada movimento, em cada gesto, havia graça e havia orgulho, e a maneira como entrou no aposento onde esperava o coronel Lincoln provava que ela sabia muito bem não ser apenas a mulher de Maurício Bontou, mas ainda uma das mais célebres formosuras de Paris.

Lola ficou um instante à entrada da sala, olhando para a visita que lhe fora anunciada. O coronel vestia à paisana, com elegância rara, vendo-se em cada pormenor que estava habituado a pisar os primeiros salões.

— O sr. coronel Lincoln? perguntou Lola aproximando-se.

— Um criado de V. Ex.^a, respondeu o coronel inclinando-se profundamente. Tenho sem dúvida o prazer e a honra de me estar dirigindo a madame Lola Bontou...

— Eu própria.

— Nesse caso permita-me que lhe apresente cumprimentos da parte de seu esposo.

Lola teve um estremecimento imperceptível.

Depois, ergueu graciosamente a cabeça e perguntou:

— Pois o senhor coronel esteve com meu marido?

— Ainda há quinze dias nos sentávamos ambos na esplanada do Hotel Royal do Cairo, contemplando as águas do Nilo... Pensávamos na bela capital de França... O sr. Bontou pensava porém antes de tudo na sua querida esposa, e dizia-me:

«O sr. vai partir brevemente para Paris. Não deixe de visitar minha esposa, e diga-lhe que são para ela todos os meus pensamentos. Apresente-lhe os meus cumprimentos, e estou convencido que ela lhe ficará muito grata por isso.

A medida que o coronel ia falando observava com olhar agudíssimo o rosto da sua formosa interlocutora.

Era especialmente o lado esquerdo do lindo colo que lhe despertava maior atenção, como se quizesse descobrir ali a palpação quasi imperceptível de uma artéria...

Não lhe escapava igualmente o seio, e a regularidade do movimento respiratório. Mas nada notou de extraordinário.

Com um sorriso gracioso, Lola estendeu a mão para o inglês, dizendo:

— Tenho imenso prazer em conhece-lo, sr. coronel. Sou-lhe efectivamente muito grata por me trazer notícias de meu marido. Como está êle? É melhor o seu estado de saúde? E quais são agora os seus planos de viagem! Não tenciona êle agora regressar à pátria?

— Infelizmente ficará ainda algum tempo longe de Paris, respondeu Lincoln. A-pesar-de sentir-se bem de saúde... Dá-se maravilhosamente com o clima do Cairo.

«Quando estivemos juntos, pensava êle em fazer uma viagem de barco até Assuan, para visitar as cataratas do Nilo.

«Não pude deixar de aplaudir a ideia, porque já fizera eu próprio essa mesma viagem, e é encantadora.

— Quanto tempo ficará agora em Paris, senhor coronel? perguntou Lola. Talvez seja indiscrição da minha parte perguntar-lhe se vem em viagem de recreio ou de negócios?

— Minha senhora, respondeu o coronel com um sorriso, passando a mão pelo queixo, é impossível estar algum tempo em Paris sem que se trate de uma viagem de recreio... em todo o caso tenho também negócios a tratar aqui.

«Não vim porém sósinho a Paris.

— Ah! Está acompanhado? perguntou madame Bontou com interesse.

— Exactamente, minha senhora. Em minha companhia veio também meu sobrinho, o Lord Harry Dunford.

— Como, senhor coronel? Pois já é feliz possuidor de um sobrinho? disse madame Bontou, deixando ver duas filas de dentes brancos como marfim. Mas o senhor parece estar numa idade em que...

— Perdão, minha senhora, devo dizer-lhe que meu sobrinho tem apenas dezasseis anos...

«É filho de minha defunta irmã, a qual era casada com Lord Dunford.

«Infelizmente o Lord morreu há pouco tempo, e por isso meu sobrinho entrou na posse não só de uma fortuna que se eleva a muitos milhões mas também do título de seu pai.

— Então é um dos felizes deste mundo, seu sobrinho?

— É verdade, minha senhora; e não é sòmente possuidor de grande fortuna, como também é um rapaz muito interessante.

— E' uma pequena maravilha universal... Sabe, senhor coronel, que me aguçou a curiosidade de tal forma, que não resisto à tentação de conhecer seu sobrinho...

— Estou às suas ordens, minha senhora.

«Se me permite, tra-lo-ei comigo.

«Devo confessar-lhe que até lhe ficaria muito grato se quizesse ocupar-se um pouco d'ele.

«Harry é, como lhe disse, um rapaz extremamente elegante e amável, mas um pouco bisonho.

«E' o resultado da vida isolada que tem tido nas suas propriedades da Escóssia.

«Especialmente com as senhoras é elle muito reservado, mesmo um tanto desastrado na maneira de tratar... V. Ex.^a compreende-me; meu sobrinho tem excellentes maneiras, mas as questões de ga-

lanteria que tão familiares são aos rapazes franceses, são-lhe completamente desconhecidas.

«Por isso mesmo o trouxe a Paris a-fim-de o instalar em pensão elegante, onde deve passar seis meses e aprender as subtilidades da vida francesa da sociedade.

«E' claro que só o entrego em casa de uma família rica e aristocrática, para ficar descansado a seu respeito.

Madame Bontou parecia reflectir.

Reclinou-se no seu divan e semi-cerrou os olhos, em attitude pensativa.

— Então traga-me seu sobrinho, disse, depois de uma pequena pausa.

«Conheço muita gente elegante, e creio que me não será difficil fazer d'ele um francês completo.

«Também será interessante para mim occupar-me do jôvem Lord.

«E' preciso conhecer a escola da vida, e este método de educação chama-se em Paris... a escola das mulheres.

— Sou da mesma opinião, disse o coronel Lincoln.

«Permita-me, pois, que lhe apresente os meus cumprimentos e lhe beije a mão...

— Como, coronel! O senhor é inglês e contudo possui a galanteria francesa!

— Não esqueça, minha senhora, que tenho quarenta anos e andei muito tempo na escola da vida, que para mim não significa também outra coisa senão — a escola de mulheres.

O coronel Lincoln despediu-se e Lola Bontou encaminhou-se pensativa para o seu *boudoir*.

Estava nervosa.

O seio arfava-lhe violentamente, nos olhos um clarão singular.

— Lá doido não é este coronel, não, murmurou ella por fim. Cada palavra, cada gesto, deixam adivinhar nele uma natureza enérgica, um homem de intelligência superior.

«O que não percebo é como elle pode vir trazer-me noticias de meu marido, que diz ter encontrado no Cairo...

«Teria qualquer charlatão tomado o nome de Maurício?

«Andará qualquer *escroc* viajando pelo mundo sob o nome de Bontou?

«Lá que é possível, não há dúvida.

«Mas não. Suponho que encontrei o fio do mistério. O coronel Lincoln queria travar relações comigo e valeu-se para isso de uma pequena esperteza.

«Ter-me-ia visto no teatro?

«Ter-me-ia encontrado em qualquer *soirée*?

«Provavelmente não se lembrou de outro meio para entrar em minha casa, e valeu-se deste pretexto.

«E' uma pequena mentira, mas sem conseqüências más.

«Estas relações interessam-me.

«Antes de tudo preciso conhecer o jovem Lord, esse maravilhoso rapaz que tantas riquezas possui.

«Nada. Preciso acabar com Paris. Esta vida começa a aborrecer-me.

«Não seria mau aparecer um dia em Londres, e representar ali um grande papel na sociedade.

«Estes ingleses podem auxiliar-me bastante na execução de tal projecto...»

Entretanto, o coronel Lincoln tomara um trem de praça e dirigia-se através das ruas de Paris para o Hotel Royal, instalado com todo o luxo e comodidades modernas.

— Agora fiquei-a conhecendo bem, murmurou Lincoln consigo.

«Teve um pequeno estremecimento, quando eu lhe disse que tinha estado com o marido no Cairo, que tínhamos conversado ambos...»

«Ela sabe perfeitamente que é impossível tal facto, visto que o marido não anda a viajar como todos supõem, e por conseqüência se não pode encontrar seja com quem for.

«Mas não há dúvida que aprou exce-lentemente o golpe.

«Dominou-se bem, e, é preciso confessá-lo, possui uma presença extremamente agradável.

«De resto estou convencido que mordeu a isca. O pretexto pegou.

«O meu pequeno lord com a sua fortuna colossal fez com certeza grande impressão no seu espirito.

«Ela quer conhece-lo pessoalmente. Bem, assim será.

«Ou muito me engano, ou mais uma vez se vai confirmar a minha observação de que mulheres de mais de 24 anos têm uma predilecção decidida por mancebos dos 16 aos 18 anos.»

A carruagem parou em frente do Hotel Royal.

O coronel Lincoln apeou-se.

O pessoal veio recebe-lo respeitosamente ao vestíbulo.

O director do hotel acompanhou-o em pessoa até ao elevador que devia conduzi-lo ao primeiro andar.

Não admirava, porém, que tratassem este hóspede no Hotel Royal com tanta distinção.

O coronel Lincoln finha, com seu sobrinho, tomado cinco aposentos esplendidamente mobilados no primeiro andar.

Todos os hoteis gostam de hospedar ingleses ricos. Quando um desses hóspedes tem o título de Lord, então redobra-se de cuidado e de atenções, porque esse título é uma garantia para o hotel.

Todos os jornais de Paris noticiavam a presença dos ilustres estrangeiros na grande capital: Lord Harry Dunford e seu tio o coronel Lincoln.

Desde a véspera, o coronel não se tinha poupado a gorgetas.

Tinha, por assim dizer, semeado ouro em torno de si, e nada como o dinheiro pode provar em Paris uma categoria ilustre.

O coronel tinha chegado ao primeiro andar.

Saíu do elevador e entrou nos seus aposentos.

Um mancebo dos seus dezassete anos, elegantemente vestido, levantou-se ao vê-lo e dirigiu-se para ele com uma inter-rogação no olhar.

— Como estás? perguntou o coronel.

«Desculpa-me chegar um pouco atrasado, mas esqueci-me completamente do tempo na presença de uma das mais elegantes e formosas mulheres de Paris.

Em seguida, o coronel fechou a porta do quarto, aproximou-se do mancebo e bateu-lhe familiarmente com a mão no ombro, murmurando em voz baixa:

— Harry, creio que a «coisa» arran-

ja-se. Agora o caminho é para a frente, e havemos de vencer.

«Já falei de ti a madame Bontou, e ela manifestou o mais vivo desejo de te conhecer.

«Esta noite há recepção em casa dela. «Seremos pontuais.

«Agora trata-se de representares bem o teu papel e a vitória será nossa.

Harry começou a rir.

— Suponho que não terei grandes dificuldades em representar esse papel. Fazer a corte a uma mulher nova e formosa, aqui está uma tarefa bem agradável, e hei-de cumpri-la com o maior prazer, mestre.

Ao escutar estas palavras, o polícia encarou-o com seriedade.

O leitor adivinhou já, por certo, que o coronel Lincoln não era outro senão Sherlock Holmes, e que o seu pretendido sobrinho Lord Harry Dunford não passava de ser o seu fiel discípulo Harry Taxon.

Holmes abanou, pois, a sua cabeça com ar pensativo e disse:

— Escuta, Harry. Sei que és um rapaz esperto e por muitas vezes me tens prestado grandes serviços.

«Desta vez, porém, o caso é mais sério.

«E' como que o baptismo do fogo.

«Vou pôr-te em relações com uma mulher nova e extremamente formosa.

«Tem seducções extraordinárias, essa mulher, mas possui um dos caracteres mais repelentes que tenho conhecido. E' este último facto que nos interessa. E' uma mulher de cabelos fulvos — uma fera disposta a despedaçar a tua alma, se por acaso não tomares cuidado.

«Sabes bem o que tens a fazer junto desta mulher.

«Já te expliquei o teu papel e espero que o representes bem.

«Mas acautela-te! Não te deixes prender pelo encanto.

«Agora, escusas de me dizer nada: nestas coisas tenho mais experiência que tu. Ainda não tens desoito anos, estás numa idade muito perigosa... concluiu Sherlock Holmes, rindo.

— Sr. Holmes! exclamou Harry Taxon formalizado. Não sei como possa descon-

fiar de mim. Já se enganou alguma vez a meu respeito?

«Diga-me que é preciso atirar-me à água e atirar-me-ei à água, diga-me que é preciso atravessar o fogo e fá-lo-ei sem hesitar. Da água sairei molhado; do fogo, com algumas queimaduras, e pronto.

«Supõe porventura que, por ser a primeira vez que desempenho um papel junto de uma mulher formosa, hei-de, forçosamente, dar logo parte de fraco?...

— De maneira nenhuma, respondeu o polícia com um sorriso. Faço o melhor conceito a teu respeito. Mas assim como naturalmente sairias molhado da água, assim voltarás também apaixonado junto dessa mulher.

«Harry, não te esqueças da minha prevenção!

«Trata de colocar uma couraça de aço em torno do teu coração e não te deixes dominar pelos sentidos...

«Lola Bontou há-de empregar toda a sua arte para te seduzir, há-de fazer tudo o que é possível a uma mulher daquela natureza. Toma cautela! E' preciso que finjas cair no laço, mas lembra-te sempre da tua missão, e não te saia um instante do pensamento o que é essa criatura.

Entre ti e ela há um abismo tão grande como o que separa o Bem do Mal.

«Dá-me a tua mão meu rapaz, e promete-me que não te deixarás vencer e que seguirás à risca as minhas instruções, sem a mais pequena hesitação!

— Mestre, prometo-lho com todas as forças da minha alma! exclamou Harry Taxon apertando calorosamente as mãos de Sherlock Holmes.

O polícia aproximou-se da janela e olhou distraidamente para o *boulevard*.

— Aqui está uma promessa, murmurava ele consigo, que muitos rapazes novos e de carácter têm feito, para faltarem depois a ela na primeira ocasião... Tenhamos porém confiança em Harry Taxon!

V

O pequeno Lord

Três dias tinham decorrido sobre esta conversação.

O coronel Lincoln e seu sobrinho o Lord Harry Dunford tinham sido convidados para jantar em casa de Lola Bontou.

Nestes três dias, os dois ingleses tinham frequentado assiduamente aquela casa, e desenvolvera-se entre elles e Madame Bontou uma espécie de amizade que parecia fundar-se nas bases sólidas de grande simpatia mútua.

Ao champagne, entre outros assuntos, falou-se de um livro célebre, e o coronel Lincoln, dirigindo-se ao sobrinho, disse-lhe:

— Queres ter a amabilidade de ir buscar esse livro à biblioteca de madame Bontou?

«V. Ex.^a permite, não é verdade?...»

Madame Bontou, que percebeu a intenção do coronel de afastar o Lord por alguns momentos, respondeu imediatamente:

— Toda a minha biblioteca está à sua disposição... Vá, Lord, vá e examine as preciosidades bibliográficas que ali se encontram. Colecionei-as com amor, e orgulho-me verdadeiramente de possuí-las.

— Eu eu invejo esses volumes, minha senhora, respondeu Harry.

— Inveja os meus livros? perguntou Lola rindo. Porquê?

— Porque esses livros têm a ventura de serem lidos pela graça dos seus olhos, de serem tocados pelos seus dedos, respondeu o Lord.

— Ah! exclamou madame Bontou agradavelmente surpreendida. Mas lord Dunford sabe ser galante como um francês... E dizia-me o coronel que ele era um pouco bisonho...

O Lord retirou-se.

O coronel Lincoln inclinou-se para Madame Bontou e disse-lhe em voz baixa:

— Confesso-me imensamente grato a V. Ex.^a...

«Gostaria de corresponder a ella, e considerar-me-ia muito feliz se pudesse um dia ter a subida honra de receber V. Ex.^a no castello Dunford...»

— Mas decerto, decerto! acudiu Lola. Ainda este verão lá irei...

«Mas diga-me, coronel. Sei que tem alguma coisa a confiar-me. Não me passou despercebida a sua intenção de afastar Lord Harry Dunford d'este aposento,

e concluo daí que pretende dizer-me alguma coisa na sua ausência...»

— Com effeito, minha senhora, respondeu Lincoln.

«Mas hesito em formular o seu pedido, que pode parecer-lhe ousado de mais...»

— Diga, diga, atalhou Madame Bontou. Estou com todo o prazer à sua disposição.

— Nesse caso faça o obséquio de lêr este telegrama que acabo de receber de Londres.

O coronel apresentou um papel que tirou da carteira.

— É do meu advogado, continuou elle. Participe-me que na questão da herança de meu sobrinho appareceram algumas irregularidades para resolver às quais é absolutamente indispensável a minha presença em Inglaterra.

«Ainda nada disse a Lord Dunford a respeito do telegrama.

«Comuniquei-lhe apenas que tenho de ausentar-me por alguns dias.

«Mas preocupa-me bastante a ideia de ter de deixá-lo em Paris... Imagine V. Ex.^a, meu sobrinho ainda não tem dezoito anos...»

«Ora, como sabe, é um perigo ficar só, com desassete anos, nesta imensidade.

«Eu sei quanto posso confiar nele. Conheço-lhe os sentimentos e o carácter, e não creio que elle pertence ao numero daqueles que começam a fazer leviandades mal se encontram à vontade.

«Contudo, gostava de o deixar entregue a uma pessoa de confiança.

«Que fazer, neste caso?

— É bem simples, respondeu Madame Bontou.

Ao falso coronel Lincoln não passou despercebida a agitação com que Lola acudiu com estas palavras.

— A minha casa é grande, continuou ela. Confie-me o jovem Lord.

«Mandar-lhe-hei preparar os aposentos no quarto superior.

Se quer ter a amabilidade de me confiar seu sobrinho, pode estar certo, coronel, que o encontrará no seu regresso tal qual como quando partiu.

Lola sorria de um modo singular ao pronunciar estas palavras.

— Estou convencido disso, respondeu o coronel.

«Sei que posso confiar-lhe Harry como a uma amiga velha — perdão! Na idade de V. Ex.^a não é lícito empregar ainda a expressão consagrada de velha amiga...

«Mas em todo o caso, possui V. Ex.^a a experiência e o trato de uma senhora casada, e eis o que me faz ficar descansado.

— Aceita pois a minha proposta, e vai confiar-me o Lord durante a sua ausência, não é verdade?...

— Beijo-lhe reconhecidamente as mãos, minha senhora, e participarei imediatamente a meu sobrinho que faça transportar para aqui todos os objectos necessários para uma permanência de três ou quatro dias. A minha ausência não irá além desse praso.

— E quando parte?

— Hoje mesmo no expresso de Havre, de forma que possa tomar amanhã o paquete para New Haven.

Harry voltou neste momento da biblioteca.

Trazia na mão o desejado livro, que entregou ao coronel Lincoln.

— Uma grande novidade, meu Lord, exclamou Lola Bontou, fixando Harry com expressão singular.

«Sabe que vai ser meu filho adoptivo durante alguns dias?

Harry olhou admirado para Madame Bontou e para o coronel.

A sua surpresa foi tão bem simulada, que Lola desatou a rir, exclamando:

— Veja, coronel, como é está comovido. Então não me quer para sua mamã? Tem por acaso medo de mim?

— Que quer dizer isto? perguntou Harry.

— Quer dizer, meu filho, respondeu tranquilamente Lincoln, que vou partir hoje para Londres, como já tive ocasião de te dizer.

«Tenho que resolver ali negócios urgentes.

«Durante a minha ausência e devido à gentileza de Madame Bontou, ficarás habitando como hóspede nesta casa.

— É certo? disse Harry com voz trémula de alegria. Que felicidade, Madame!

Por mim de boa vontade ficarei eternamente junto de V. Ex.^a.

Harry corou, e Lola envolveu-o num olhar cheio de meiguice.

— Bem, então fica combinado, exclamou Madame Bontou.

«O meu pequeno Lord fica comigo, e o sr. coronel Lincoln mandar-lhe-há do hotel tudo aquilo de que precisar para alguns dias.

«Vou dar instruções à minha criada de quarto, pois quero que nada lhe falte em minha casa.

Lola levantou-se e poisou as mãos nos ombros de Harry.

— Agora espero que se há-de portar muito bem e não há-de ralar a sua mamãzinha.

«O tio coronel ficará muito zangado se à volta de Londres soubesse que não tinha sido meu amigo...

— Oh! madame. Creia que não terá razões de queixa contra mim. Horrorisamente a ideia de ficar sózinho no hotel, no meio de gente completamente estranha, e assim não tenho senão a regosijar-me com o facto de ficar em sua casa.

— Bem, exclamou Lola. Estou convencida que havemos de dar-nos às mil maravilhas.

«Agora desculpem-me alguns minutos. Daqui a pouco voltarei.

Lola saiu, deixando ambos sós na sala de jantar.

Harry ia falar, mas leu uma proibição nos olhos de Sherlock Holmes.

Então o Cblicia começou a mover rapidamente os dedos, e começou entre eles uma conversação de surdos-mudos, de que se serviam sempre que tinham receio de serem escutados.

— E' preciso entendermo-nos assim, diziam os gestos de Sherlock Holmes. Quem sabe se ela ficou à escuta atrás da porta. Cautela.

— Talvez espirete pela fechadura.

— Não; coloquei previamente uma rolhinha no buraco, disseram os dedos de Taxon. Eu sabia que famos ficar sós durante alguns minutos.

«Então a «coisa» deu resultado. Fico alguns dias aqui...

— Sim, e espero que aproveites o tempo.
«Antes de tudo, abre a gaveta da secretária.

«Tens chaves falsas contigo, toda a ferramenta dos gatunos...

«Examina cuidadosamente os papeis.

«Tudo o que encontrares que diga respeito ao passado dela, leva para o teu quarto, copia *ipsis verbis*, ou, caso não tenhas tempo, guarda o original.

— Fica no Hotel Royal, mestre?

— Não, moro com o nome de Walter Raleigh na «Hospedaria do Sol», rua de S. Martin, 93.

— Quer que vá procurá-lo lá hoje?

— Se eu precisar falar-te, encontrarei maneira de o fazer sob qualquer disfarce.

«Ainda uma vez te previno. Toma cautela, estás metido com uma criatura da pior espécie.

«A mulher é capaz de tudo, de um assassinato, até.

«Pronto. Aí vem ela, concluiu Sherlock Holmes com alguns sinais.

E, falando em voz alta, continuou:

— E' claro que telegrafarei de Londres logo que ali chegar.

«De resto, prometo-te que a minha ausência não irá além de quatro dias, pois o negócio resolver-se-há depressa.

Neste momento, a porta abriu-se e Lola entrou no aposento.

— Está tudo em ordem, disse ela sorrindo. Quando quizer, meu Lord, pode ir vêr os seus quartos, onde ficará enquanto seu tio se demorar em Inglaterra?

— Se me dá licença, minha senhora, despeço-me já de V. Ex.^a. Tenho ainda de despachar alguma correspondência urgente, antes de partir...

«Permita-me que ainda uma vez lhe agradeça do fundo do meu coração a sua boa hospitalidade, e a gentileza com que acolheu meu sobrinho.

Holmes levou galantemente aos lábios a mão de Lola.

Em seguida abraçou Harry.

— Adeus, meu filho, e espero ter boas informações tuas quando voltar.

«Sei que és um excelente rapaz, e antes de tudo ficas entregue nas mãos de uma senhora que te estima bastante.

— Adeus, meu tio! Faça os meus cumprimentos à linda capital de Inglaterra.

— Queres que diga a Londres que a visitarás em breve? disse já da porta o coronel, rindo.

— Não, isso não. Paris é ainda cem vezes mais bela do que Londres.

— Sim?

— Com certeza, respondeu Harry, visto que Paris possui madame Bontou, e Londres não se pode gabar de outro tanto.

O coronel ameaçou o sobrinho amigavelmente com o dedo, e Lola deu uma pequena gargalhada de satisfação.

Minutos depois Sherlock Holmes encontrava-se na rua e murmurava entre dentes:

— Se o meu rapaz tiver juízo e se não se deixar embalar nos cantos da sereia de cabelos doirados, então não hão-de tardar muitos dias que eu não saiba quem é e de onde veio Madame Bontou, assim como se descobrirá também o paradeiro do marido...

* * *

Era noite.

Harry ficava no quarto que lhe destinara a sua formosa hospedeira.

Até às 11 horas tinham conversado ambos, e Lola empregara todos os recursos da sua sedução para se tornar senhora daquele coração adolescente.

Tinham estado longo tempo sentados no balcão que dava para o jardim.

As flores exalavam um perfume entontecedor; a lua brilhava no céu, e sobre a mesa que tinham na sua frente, uma terrina de cristal cheia de champânhe com ananás misturava o seu aroma com o das flores.

O balcão estava decorado com plantas exóticas, com palmeiras cujos ramos formavam como que uma abóbada sobre as cabeças de ambos.

Com efeito! Era preciso realmente ter uma energia e força moral para fugir ao encanto, e dizer consigo as palavras que Harry constantemente repetia *in mente*:

— Não enfraqueças... Estás no exercício das tuas funções...

Sim, ela tinha-lhe falado longamente, meigamente, com a ternura de que é capaz uma mulher bela quando pretende conquistar o coração de um homem.

Tinha-se aproximado dele gradualmente, tinha-lhe poisado com familiaridade as mãos nos ombros, tinha-lhe acariciado os cabelos, chamando-lhe a atenção para o firmamento constelado, tinha-lhe falado da curta duração da vida, que dá ao homem o direito de gosar a felicidade onde quer que a encontre...

— A vida é curta, murmurava-lhe ela ao ouvido, e os prazeres são poucos. E' preciso não os deixar fugir...

Ela tinha-lhe enchido algumas vezes a taça, e elle acabara por sentir um vago desejo de sorver a enebriante bebida pelos lábios dela...

Por fim, Harry decidiu que era mais prudente afastar-se dali.

— Se fico mais alguns minutos, pensa-vá elle, adeus minha vida! Perco toda a enérgia moral, cáio nos braços dela e fico não só à mercê dos seus caprichos, como impossibilitado de compreender o que tenho a fazer esta noite.

E, pretextando fadiga, declarou que ía retirar-se para o seu quarto.

— Sabe uma coisa, meu pequeno lord? Falar de fadiga quando se está comigo é ofender-me...

— Não estou habituado a estar tanto tempo acordado, tornou Harry; meu tio quer que eu me deite sempre às 10 horas, e já é meia noite...

— Tem razão, meu filho, disse de repente Lola em tom maternal, vá deitar-se, vá...

— Boa noite, Madame!

— Boa noite, meu filho, tornou ela rindo,

Lola deitou-lhe os braços admiravelmente torneados em volta do pescoço, beijou-o primeiro na testa, em seguida nos olhos, e por fim, com indizível ardência, nos lábios...

Harry estremeceu.

Viu então que profundo conhecimento tinha Sherlock Holmes do coração humano, quando lhe recomendou a maior prudência.

Viu o perigo em que se encontrava, o

perigo terrível que irradiava daquela extraordinária mulher de beleza imortal, que pretendia fazê-lo esquecer o seu dever.

Soltou-se-lhe bruscamente dos braços.
— Boa noite, disse elle corando até a raiz dos cabelos. Até amanhã...

E saíu rapidamente do balcão dirigindo-se ao seu quarto.

Lola seguiu-o com um olhar de profunda meiguice.

— Que lindo que é o pequeno, que lábios deliciosos, murmurava ela. Ah! Seria este o primeiro homem que resistiria à minha sedução...

«Mas eu tentarei conquistá-lo pouco a pouco. Seria tolice querer fazer tudo de uma vez...

«Não devo deixar escapar uma palavra ou um gesto que possa acordar nele uma suspeita contra mim.

«Não. O melhor é enebriar-lhe pouco a pouco os sentidos, envenenar lentamente aquele peito com o veneno da paixão, até que elle venha por si cair-me aos pés, chorando e pedindo-me que o escute.

«Então será meu, o pequeno lord; então farei tudo aquilo que eu quizer.

Entretanto é preciso arrumar todos os meus negócios em Paris.

«E' preciso enterrar aqui o meu segredo, quando eu partir com o pequeno.

«Esquecerei todo o meu passado, destruirei todas as provas dele, e para isso é indispensável acabar com o homem que a estas horas ainda...

O seu pensamento ficou nesta reticência, o seu olhar brilhava como o de uma fera.

— Ah! porque o deixei eu sair dos meus braços! continuou ella comigo, desfazendo o penteado e deixando cair livremente as suas tranças doiradas.

«Agora queria beijá-lo, apertá-lo contra o meu peito...

«Mas, paciência. Esperemos algum tempo ainda; o pequeno lord não será como tantos outros o meu amante, mas sim o meu marido...

«Lady Lola Dunford! Ah! como este nome soa bem, como farei carreira com este título! E quando penso na lama de onde saí, e quando me lembro da comé-

dia que se representa na vida... ah! ah! que ridículos que são os homens... ah! ah!...

VI

Harry Taxon — o gatuno

Harry Taxon passeava impaciente no seu quarto.

Tinha aberto a janela e respirava agora o ar balsâmico que se evoluía do jardim. O sangue corria-lhe tempestuosamente nas veias.

— Como me encontrará êle daqui a quatro dias, meu Deus! Holmes tinha razão. Foi um papel muito perigoso o que me distribuiu.

Mas seja como fôr, o meu dever é não envergonhar o mestre. Nunca!

«Para prova-lo, vou imediatamente encetar a minha tarefa.

«Que horas serão?

Consultando o relógio verificou que faltavam dez minutos para as duas.

Então despiu-se e tirou da mala que Sherlock Holmes lhe mandara do hotel o *fato sombrio*.

Era uma invenção do genial criminalista, e consistia num fato de malha negro, que cobria todo o corpo da cabeça aos pés, e tornava invisível na sombra qualquer pessoa que o vestisse.

Com êste fato podia um homem mover-se durante a noite em ruas escuras ou em quartos pouco iluminados, sem ter receio de ser observado, como que passasse uma pessoa a cinco passos de distância.

Harry vestiu pois o *fato sombrio*, que se ajustava perfeitamente ao seu corpo.

Depois afivelou ao cinturão negro um saco da mesma cor, dentro do qual se encontrava toda a ferramenta do bom gatuno: chaves-falsas, gazuas, pés de cabra, etc.

Por último pegou na lanterna eléctrica, e achou-se equipados para dar começo à sua nova aventura.

A sua missão consistia em arrombar a secretária do *bondoir* de Lola, e examinar os papeis que encontrasse.

Harry Taxon supunha que podia trabalhar à vontade nesse aposento, tanto mais que o quarto de dormir da dona da casa ficava separado do *bondoir* por três outros aposentos.

De resto, sabia deslizar ao longo das paredes com todo o cuidado, silencioso e paciente como um pele vermelha.

Abriu cuidadosamente a porta e espreitou para o corredor.

Em casa reinava profundo silêncio.

Tôda a gente devia dormir àquela hora; os criados, no andar térreo, pouco o preocupavam, e Lola dormia decerto também — aquele corpo formosíssimo reclinado em almofadas de seda... — dormia, e sonhava porventura com êle...

Harry sabia bem que Lola se apaixonara por êle, tinha-o lido nos olhares ardentes, dessa noite.

Os seus beijos escaldavam-lhe ainda os lábios, e no seu peito havia ainda a impressão que aí deixara o seio dela.

Desceu com as maiores precauções até ao primeiro andar, e abriu sem ruído a porta do quarto de vestir de Lola.

Alguns passos ainda, e encontrou-se em frente da secretaria de ébano, onde sem dúvida Madame Bontou tinha guardados os seus segredos.

Harry experimentou as chaves falsas.

Depois de algumas tentativas infrutíferas, a gaveta grande foi aberta sem dificuldade.

Harry nem sequer precisava servir-se da lanterna de furta-fogo, pois o luar brilhava tão claro através da vidraça, que se podia mesmo ler à luz dêle.

A primeira coisa que encontrou foi um masso de cartas de amor, que provavam a vida de dissapação e o carácter desleal de má esposa que possuía Lola Bontou.

Nessa gaveta não encontrou papel algum que esclarecesse o passado da formosa parisiense.

Harry não se impacientou.

Êle sabia bem que uma mulher como aquela não confiava sem mais nem menos um segredo de importância à indiscrição de uma gaveta que podia esquecer aberta.

Ali devia haver qualquer compartimento secreto.

Começou a examinar o móvel por todos os lados, mas não encontrou o que procurava.

De repente notou que as pernas da mesa eram extraordinariamente grossas.

Lembrou-se de que já se teem encontrado papéis escondidos nas pernas dos móveis.

Acendeu imediatamente a lanterna furtivo, pôs-se de cócoras e examinou longamente a perna suspeita.

Daí a pouco descobriu um pequeno buraco disfarçado pela parte de dentro.

Não havia dúvida que era uma fechadura. Mas foram baldados os esforços que empregou para a abrir com a gazua.

Durante vinte minutos não conseguiu o que desejava.

Por fim introduziu no orifício um arame de aço. Então a fechadura cedeu, e a perna abriu-se em duas, deixando ver o compartimento de segredo.

A primeira coisa que lhe chamou a atenção foi uma caderneta velha e amarelada, que examinou logo à luz da lanterna.

Era extraordinário!

Na capa estava escrito: Livrete de matrícula de Lola Carousse.

Por baixo havia um carimbo da polícia.

Harry estremeceu.

Acabava de descobrir o segredo de Lola.

Ele sabia bem o que significava aquele livro.

Ele sabia que em posse de semelhantes objectos se encontram apenas as desgraçadas que, não só em Paris, como em todas as grandes cidades, vendem por dinheiro o seu amor, e estão sujeitas à vigilância da polícia e à fiscalização dos médicos.

Folheando este livro constatou que Lola Carousse se apresentara regularmente à fiscalização oficial e exercera durante algum tempo aquele triste mister.

Lola — não provava esse nome que o livrete não estava ali por mero acaso? Não provava que provavelmente Lola Carousse e Lola Bontou eram idênticas?

Harry concluiu imediatamente que Ma-

dame Bontou se chamara Lola Carousse antes do seu casamento, e não era por consequência a filha de um coronel morto em África.

— Aqui está uma descoberta importante, murmurou elle. Não haverá ainda por aqui outro segredo?

Viu ainda algumas cartas sem importância, escritas cinco anos antes à dona do livrete. Em todo o caso meteu-as no bolso juntamente com o livrete.

Harry ia a fechar o compartimento secreto, quando deparou com uma carteira grande de couro da Rússia.

Estava velha e usada, mas devia ter sido um objecto de grande valor.

— Entregarei também esta carteira ao mestre, pensou elle, e meteu-a no sacco, de companhia com o livrete e as cartas.

Em seguida fechou o segredo, verificou que não ficava no *bondoir* vestígio algum da sua passagem apagou a lanterna e preparou-se para sair.

Ja já a estender a mão para a porta, quando esta se abriu de repente.

Harry deu um salto para trás, e cerrou os dentes para não soltar um grito.

Na sua frente, apenas revestida com uma camisa de renda, com os cabelos soltos sobre o corpo de neve, estava uma mulher, bela como elle nunca tinha sonhado: — Lola!

Mas o olhar dessa mulher já não o fitava com o mesmo amor e o desejo de há pouco.

Era um olhar de tigre, um olhar de ódio e de rancor, onde faiscavam clarões de vingança.

— Ladrão! Ladrão! rugiu ella. Tinhas-te introduzido em minha casa para me roubares... supões que não tinha desconfiado do teu título pomposo? Felizmente cheguei a tempo de desmascarar-te!

Dizendo estas palavras, carregou num botão eléctrico, e imediatamente uma campainha começou a vibrar no corredor.

— Os meus criados vão aparecer já. Não tarda que chamem a polícia e sejas conduzido à prisão, acrescentou Lola.

«Supunhas que eu estava dormindo, mas enganaste-te redondamente, ninguém

me apanha desprevenida com tanta facilidade...

«Para trás, ou mato-te como um cão!»
Harry tinha feito um movimento para sair.

No mesmo instante, um revólver brilhou nas mãos da mulher.

— Mãos no ar! ordenou ela com voz máscula. Levantas os braços ou disparo imediatamente. Não imagines que são vãs ameaças, sei muito bem que tenho o direito de matar como um animal feroz todo o ladrão que se introduzir em minha casa para me roubar.

«Levanta as mãos, ou faço uso dêsse direito!»

Harry compreendeu que era inútil resistir e ergueu resignadamente os braços.

No andar térreo do prédio ia agora uma azafama enorme.

Os criados levantaram-se apressadamente.

— Daqui a alguns minutos estou *filado*, pensou Harry.

«Que farei eu agora, preso como gato?»

Harry Taxon não pensava em si nem na sensaboria da sua situação.

Não era a prisão que o aterrorizava. O caso havia de esclarecer-se, pois estava ali no exercício da sua profissão e por ordem do seu mestre e amigo.

Ora Sherlock Holmes tomaria como sempre a responsabilidade da missão que lhe confiara, de forma que por êsse lado estava completamente tranqüilo.

Mas os objectos que encontrára no compartimento secreto, o livrete e a carteira, como conseguir faze-los chegar às mãos de Sherlock Holmes?

Como conseguir que não fossem de novo entregues a Lola Bontou, antes de terem sido examinados pelo mestre?

Neste último caso todo o seu trabalho teria sido baldado, como baldado teria sido o excelente plano formulado por Holmes.

Não era preciso evitar essa catástrofe.

De forma nenhuma deixaria ficar ali os preciosos objectos que encontrára.

Mas que fazer? Saltar pela janela?

Arriscar-se-ia a ficar despedaçado no

passeio, pois a queda seria fatalmente mortal.

Todos estes pensamentos lhe atravessaram o cérebro em menos de um segundo.

De repente lembrou-se de se atirar a Madame Bontou, para tirar-lhe o revólver das mãos e abrir caminho à força..

Para traz! gritou Lola, ao vêr êsse movimento.

Para traz!

«Queres arrancar-me a arma; pois bem, aí tens o que mereces...»

Soaram três detonações.

A mulher acabara de disparar o revólver contra Harry Taxon.

Felizmente, as três balas foram-se cravar no tecto do aposento, pois o mancebo tinha-lhe segurado a mão a tempo de desviar a pontaria.

Neste instante apareceram os criados, e Harry viu que nada mais podia fazer.

Uma ideia atravessou-lhe rapidamente o cérebro. Era preciso salvar os documentos, custasse o que custasse.

Aproximou-se da janela, abriu-a de par, e gritou com toda a força dos seus pulmões:

— Socorro? Policia! Socorro!

«Há ladrões em casa! Socorro!»

Olhando para a rua teve a agradável surpresa de ver dois agentes que passavam precisamente nessa ocasião.

— E' uma espezteza de rato! gritou Lola aos criados.

«Já se viu alguma vez o proprio gato-não chamar pela policia?»

«O maroto quer simplesmente preparar a fuga, mas engana-se redondamente.

«E' preciso guardar todas as portas de forma a cortar-lhe a retirada, caso ele tente sair!»

Mas não era essa a intenção de Harry.

Cruzára os braços sobre o peito e encostára-se à janela, contemplando aquela cena com um sorriso nos lábios.

Agora tinha desaparecido do seu espírito todo o encanto com que o influenciára aquela formosissima creatura. Não via nela mais que a criminosa, que a todo o custo era preciso desmascarar.

Os dois policias batiam precipitadamente á porta.

Os criados foram abrir, e conduziram-nos ao *boudoir* de Lola.

— Que se passou? disse um deles, Ouvimos gritos de socorro... parece-me que se tratava de um assalto dos gatunos...

— Muito obrigado por terem acudido imediatamente, meus senhores, disse Lola. Sou eu a dona desta casa.

«Aquele homem introduziu-se aqui sob um nome falso, e tentou roubar-me esta noite.

«Surpreendi-o em flagrante, precisamente no momento em que ia arrombar a minha secretária.

E' possível mesmo que a tenha arrombado ».

— Está vestido de maneira muito singular, exclamou um dos policias. Não traz senão um fato de malha preto!

— O que tem a responder á accusação desta senhora? perguntou o outro.

— Essa senhora tem carradas de razão, respondeu com fleugma Harry Taxon.

«Tentei rouba-la, e agora só peço que me conduzam á esquadra ».

— E' um gatuno singular, murmurou um dos agentes abanando a cabeça.

«Nunca vi nenhum ladrão pedir formalmente que o conduzam ao calabouço.

«Bem. Em nome da lei, está preso. Queira acompanhar-nos ».

Os dois policias collocaram-se aos lados de Harry que não ofereceu a menor resistencia.

— Alto! exclamou de repente Lola Bontou.

«Queiram ter a bondade de o revistar na minha presença. Tenho interesse em saber que objectos me foram roubados.

— E eu protesto energicamente contra o facto de ser revistado neste local, interrompeu Taxon com energia.

«Prestar-me-ei de boa vontade na esquadra a essa formalidade.

«Estou no meu pleno direito. Só o senhor comissário da policia tem autoridade para me revistar ».

— Lá nisto tem razão, respondeu um dos policias confiando a barba. Vamos

leva-lo immediatamente á presença do comissário. Bem, vamos embora.

«Boa noite, minha senhora, queira dormir descansada; o homem está seguro, e com certeza que não lhe queria estar na pele... ».

Desceram a escada, com Harry Taxon prudentemente agarrado pelos braços e encontraram-se breve na rua.

Pelo caminho, o mancebo pensava no partido que podia tirar da sua situação.

Objectos de valor não lhe encontrariam decerto quando fôsse revistado. O peor era o livrete e a carteira.

Esses objectos é que lhe seriam tirados imediatamente.

Que fazer? Declarar tôda a verdade? Confessar que era o discípulo de Sherlock Holmes, e que se encontrava na execução das ordens do mestre?

Seria esse o meio mais simples.

Imediatamente apparecia Sherlock Holmes e explicaria os factos.

Mas Harry conhecia suficientemente o mestre para saber que enorme contrariedade esse facto não representaria para ele.

Entregar nas mãos da policia official um caso que tinha quasi completamente esclarecido á custa do próprio esforço!

Resolveu por isso calar-se e esperar pacientemente os acontecimentos.

Por fim Holmes saberia da tentativa de roubo em casa de madame Bontou, e ele resolveria o que havia de fazer.

O peor eram aqueles dias de prisão, mas Harry tinha a consciencia tranqüilla, e a satisfação de ter cumprido rigorosamente o seu dever.

Finalmente foi conduzido á presença do comissário.

Os agentes relataram permenorisadamente o caso, e o interrogatório começou em tom severo:

— O nome?

— Não sei.

— Homem você é capaz de afirmar que não conhece o seu nome?

«Percebo. Pretende representar um misterioso. Comtudo repito a pergunta: quem é e o que pretendia fazer em casa de madame Bontou?

— Não sei absolutamente nada, respondeu Harry Taxon.

«Faça de mim o que quizer, senhor comissário.

— Trás vestido um *fato sombrio*, murmurou o comissário. É um novo invento de que se servem os gatunos para se introduzirem de noite nas casas que pretendem roubar.

«Parece que pertence à gatunagem da pior espécie.

Bem, amanhã será fotografado, e enviaremos o seu retrato a todas as autoridades. Não tardaremos assim em saber quem é o «melro».

«Tirem-lhe o saco que ele traz pendurado à cintura.»

Os agentes cumpriram a ordem do comissário sem encontrar a mais pequena resistência.

Foram colocando sucessivamente sobre a mesa as gazuas, chaves falsas e limas em que consistia o conteúdo do saco.

— Cá temos o ferramente completa, disse o comissário rindo.

«Bem, não precisamos de mais provas. «Espera! Ainda há aqui alguns objectos!

«Um livrete de matrícula de uma desgraçada, provavelmente a amante do gatuno, e ainda... uma carteira velha, completamente vazia.

«Bem, conduzam-no ao calabouço.

«Amanhã o juiz de instrução encontrará meio de o fazer falar...»

Eis como Harry Taxon foi enclausurado nas prisões de Paris.

VII

Conversação ao telefone

Sherlock Holmes abandonara o hotel onde se tinha instalado sob o nome de coronel Lincoln e desaparecera subitamente.

Agora, morava o célebre criminalista na rua de St. Martin na pequena casa de hóspedes intitulada «Hospedaria do Sol», frequentada em regra por gente de baixa condição.

Chamava-se ali o sr. Raleigh, comerciante de Londres, vindo a Paris para tratar de negócios.

No dia seguinte, à mesa do almoço, acabara de acender o cachimbo e passava pela vista um jornal da manhã.

Mas apenas começara a ler, soltou uma exclamação de surpresa.

— Diabo! Não pode ser outra coisa... Harry Taxon foi preso. Não me resta a menor dúvida...

O homem a quem se refere esta notícia não pode ser outro senão o meu discípulo.»

O artigo em questão referia-se a uma tentativa de roubo feita em casa de Madame Lola Bontou na rua do Jardim.

«Parece, dizia o jornal, que este crime foi preparado com bastante antecedência, visto que um *escroc*, sob o falso nome de coronel Lincoln—sou eu, murmurou Sherlock Holmes—se conseguiu introduzir nas relações da dona da casa.

«Pouco depois apresentou-se com um sobrinho, um jovem inglês de excelente aspecto, que se intitulava lord Dunford.

«O coronel Lincoln pediu a madame Bontou, pretextando uma viagem de negócios a Londres, que desse hospitalidade a seu sobrinho, visto que o «esperançoso» rapaz conta apenas dezesseis ou dezessete anos.

«Essa senhora teve efectivamente a amabilidade de aceder ao pedido, e o pretendido lord hospedou-se ontem em sua casa.

«A primeira noite que ali ficou pretendeu o jovem «aristocrata» introduzir-se no *bondoir* da dona da casa, vestido com um fato conhecido pelo nome de *fato sombrio*, a-fim-de arrombar a secretária.

«A tentativa porém, malogrou-se, pois madame Bontou, que alia a uma extraordinária formosura uma coragem verdadeiramente rara, surpreendeu o gatuno em flagrante, e obrigou-o, de revólver em punho, a esperar a chegada da polícia, que effectuou a prisão do criminoso.

«As autoridades procuram activamente o cúmplice, que se intitulava coronel Lincoln, e é sem dúvida o autor do plano. Queira Deus que em breve fiquemos li-

vres destes dois ladrões internacionais.»

Sherlock Kolmes poisou o jornal e sacudi a cinza do cachimbo.

— Bem, murmurou êle sorindo. As autoridades procuram-me activamente... Vamos lá facilitar a tarefa da policia, pois sei perfeitamente que nunca me encontrará, se eu próprio não me apresentar... «Senhor Meunier!»

O dono da casa appareceu acto contínuo.

— As suas ordens, sr. Raleigh. Que deseja?

— Há telefone cá em casa?

— Sim senhor, no quarto contíguo, à direita...

— Muito obrigado, respondeu Holmes, levantando e dirigindo-se para a porta.

Dai a instantes, com o auscultador no ouvido, o policia falava, inclinado para o aparelho:

— Hallô! Hallô... Faça favor de ligar com a Prefeitura... Está lá?... Muito obrigado. Quem fala?... Faz obséquio de chamar o agente Augustin ao telefone... Sim senhor, eu espero. Queria dizer-lhe que se trata de um negócio de grande importância...

Holmes esperou um pouco, até que uma voz confusa lhe chegou aos ouvidos.

— Aqui, prefeitura de policia, agente Augustin. Quem fala?

— Coronel Lincoln, respondeu Sherlock Holmes.

— Quem?

— Coronel Lincoln, um dos *escrocs* internacionais.

— Deixe-se de brincadeiras com a autoridade.

— Não é brincadeira, senhor Augustin. Tenha a bondade de vir imediatamente à «Hospedaria do Sol», rua de St. Martin, e aqui encontrará o coronel Lincoln, hospedado sob o falso nome de Raleigh, comerciante de Londres...

A campainha do telefone vibrou, como se Augustin quizesse despedaçar o aparelho.

Holmes voltou á sala de jantar, e chamou novamente o dono da casa.

— Traga-me um cálice de vinho do Pôrto, e se alguém vier procurar-me queira mandar entrar para aqui.

Não foi preciso esperar muito.

Uma carruagem parou em frente da da hospedaria, e o agente Augustin, acompanhado por três policia, apiou-se precipitadamente.

Os quatro homens irromperam no vestíbulo, perguntando:

— Mora aqui o commerciante Raleigh, de Londres?

— Mora, sim senhor, respondeu o dono da casa, inquieto à vista da policia. Mas... há alguma novidade?

«Está na sala de jantar a beber vinho do Pôrto...

— Tão á vontade? exclamou Augustin. Pois não lhe ha-de durar muito êsse sossego...

Então ordenou aos três agentes que esperassem ali, e não deixassem sair nem entrar ninguém.

Em seguida abriu violentamente a porta da sala de jantar.

Holmes estava sentado em frente do seu cálice, com a cabeça propositadamente encostada ás mãos, pois não queria ser immediatamente reconhecido.

Augustin entrou, poisou-lhe solenemente a mão no ombro e exclamou:

— Em nome da lei, coronel Lincoln, está preso!

— Muito obrigado, respondeu Holmes, levantando a cabeça. Estou muito satisfeito comsigo. Não imagina quanto estimo de o ver aqui...

— Homem... Holmes, é o senhor!

— Em carne e osso!

— Então *quize* apenas pregar-me uma partida, e atrain-me aqui, para se rir à minha custa?...

«E eu que supunha vir realisar a prisão do coronel Lincoln!

— O coronel Lincoln está na sua frente, respondeu Holmes, levantando-se e apertando cordealmente a mão do agente.

«Sou eu o coronel, e o gatuno que esta noite foi preso em flagrante delicto de arrombamento em casa de Madame Bon-tou, é apenas o meu discipulo Harry Taxon...

Augustin começou a perceber tudo.

Reflectiu um instante, e dirigiu-se á ante-câmara, ordenando aos seus agentes:

—Podem retirar-se Não há mais nada que fazer aqui.

«Sabe, meu caro Sherlock Holmes, continuou Augustin daí a pouco, que me pregou uma valente peça... Mas deixá-lo. Suspeito que há qualquer dos seus planos extraordinários em execução.

«De resto, como o rapaz da rua do Jardim não é outro senão o seu discípulo Harry Taxon, sempre lhe dou uma novidade que o deve interessar.

«Quando o prenderam, foram-lhe encontrados dois objectos, que são para nós absolutamente misteriosos.

—Sim? exclamou Holmes com interesse. E o que era?

—O livrete de matrícula de uma mulher perdida.

«Esse livrete tem o nome de Lola Carousse.

Holmes abriu desmesadamente os olhos e ficou um momento silencioso.

—Lola Carousse, disse o meu amigo? Espere! Não se chamava Carousse aquele trapeiro que há cinco anos, na madrugada de 8 de agosto, foi encontrado morto no boulevard Haussmann?

—Holmes, o senhor tem excelente memória! Admiro-o tanto mais, quanto o facto a que se refere é profundamente exacto.

«Efectivamente o homem chamava-se Carousse e, como tive ocasião de ver nos registos da policia, a filha dele, Lola, estava matriculada e exercia o seu desgraçado mister em Paris.

Holmes começou de repente a esfregar as mãos como um peixe vermelho no auge do contentamento, e assobiou devagarinho uma melodia conhecida.

—Havia ainda outra coisa na bolsa de Harry Taxon, continuou Augustin.

«Era uma carteira de coiro da Rússia usada, de dimensões pouco vulgares, no forro da qual consegui ler, em letras de ouro meio apagadas, o nome de Bontou & Irmãos...

Sherlock Holmes deu um salto, precipitou-se sobre o agente e abraçou-o com efusão.

—O senhor é um homem precioso, Augustin, e as suas informações não se pagam com dinheiro nenhum.

«Lola Carousse, a mulher perdida, filha do trapeiro Carousse, e a carteira usada de coiro da Rússia — Viva a velha Inglaterra mais a República Francesa! — está descoberto o mistério.

VIII

O prisioneiro

No mesmo dia em que tivera lugar esta conversação na «Hospedaria do Sol», quando o sino de Notre Dame batia onze horas da noite, uma mulher envolta num amplo manto atravessava as vielas de Paris.

A mulher apressou o passo até chegar ao arrabalde Batignolles, esse bairro parisiense onde a miséria vive a par do crime.

Como um fantasma, deslizou através do pátio, cheio de entulho e de lixo, e parou em frente de uma porta de ferro, que conduzia ao subterrâneo.

Então tirou uma chave de algibeira, tornou a olhar em volta e abriu resolutamente a porta.

No mesmo instante, de dentro de uma pipa encostada a um canto do pátio surgiu uma cabeça, e dois olhos claros onde brilhava um clarão de triunfo, seguiram a mulher, que acendia nesse momento uma pequena lanterna de furta-fogo.

Em seguida desceu alguns degraus de uma escada infecta, e parou quasi ao fundo.

No subterrâneo havia montes de lixo e de cacos, ferros velhos, substâncias em decomposição.

Ela levantou a lanterna de forma a iluminar a parede fronteira do subterrâneo. Ouviu um tinir de cadeias de ferro e um rugido surdo como o de uma fera acorrentada.

—Filhinho! Filhinho! Ainda és vivo? segredou ironicamente a mulher, cujos cabelos fulvos apresentavam à luz da lanterna o aspecto, de chamais.

—Mulher! Mulher maldita! uivou uma voz com expressão de horror.

—Quero morrer, mulher! continuou a voz do subterrâneo, quero morrer mas an-

tes disso quero rasgar o teu corpo em pedaços, quero desfazer a tua carne fibra por fibra...

—Queres despedaçar o meu corpo, Mauriciosinho! ah! ah! Despedaça-te a ti mesmo com as unhas, filho; bate com a cabeça nessas paredes... Para que tiveste a imprudência de descobrir o meu segredo? Para que quizeste meter-te na minha vida? para que me ameaçaste? para que tentaste traír-me?...

—Infame! Infame! rouquejou o vulto, erguendo-se do chão. Envenenaste a minha vida...

«Há um ano! Não, não! há dez anos com certeza que me tens preso a estas cadeias, que o teu amante, o ferreiro, me soldou aos pés. Foste tu que lho ordenaste. Sabe Deus se já te desfizeste também dêle...»

—Estás doido! tornou a mulher.

«O ferreiro recebeu a paga do seu serviço, e partiu para a América.

«Mas hoje venho trazer-te de comer, continuou a infernal criatura.

«Toma! Aí tens a ração... Apanha, homem, toma; debes ter fome...»

Tirou de sob o manto alguns pedaços de carne e arremeçou-os como faria um domador de feras.

O vulto de cabelos crescidos, cujo rosto medonho era agora iluminado em cheio pela luz da lanterna, precipitou-se avidamente sobre os pedaços de carne, como o faria um cão esfamado preso a uma corrente.

Neste momento ouviu-se uma voz solene.

—Em nome da lei, Lola Bontou, está presa como assassina.

«É acusada de ter morto seu pai e seu marido.

Lola voltou-se e soltou um grito terrível.

Na sua frente estava Sherlock Holmes, hirtó, como a própria estátua da lei.

Atrás do célebre polícia viam-se alguns agentes, que impediam completamente a saída.

Quiz recuar. De repente deu um passo em falso, e o seu corpo lindo de mulher rolou até ao fundo do subterrâneo.

—Tenho-a! Tenho-a agora! uivou o prisioneiro com satisfação selvagem.

Dum salto, o homem acorrentado precipitou-se sobre o corpo de Lola, e ergueu-o acima da cabeça com força sobre-humana.

Lola quiz gritar, quiz ainda soltar-se daquelas garras a que a sede de vingança tinha dado a resistência do aço daquelas unhas que se lhe cravavam dolorosamente na carne.

Era tarde.

Antes que Sherlock Holmes e os agentes podessem impedi-lo disso, o homem arremeçou o corpo com indizível fúria contra o pavimento de granito.

O crâneo da mulher despedaçou-se de encontro às lajes e as tranças louras jaziam agora no chão, banhadas num lago de sangue...

—O prisioneiro acaba de exercer a sua terrível vianga, disse Sherlock Holmes. A mulher perdida não pode já comparecer ante a justiça dos homens...

Esta cena passára-se no subterrâneo onde cinco anos antes morava o tio Carousse.

Maurício Bontou foi imediatamente libertado das cadeias que o acarrentavam, mas estava moribundo quando o trouxeram para o ar livre.

O infeliz teve apenas tempo suficiente para contar a sua vida a Sherlock Holmes.

Na sua adolescência, apertado pelas dívidas, assassinara Jacques Girardin depois de o ter atraído a uma cilada.

Para evitar toda a suspeita de crime pendurara o empregado a uma trave, a-fim-de fazer supôr que se tratava de um suicídio, e rãbara a carteira com 500.000 francos.

Depois vagueára toda a noite pelas ruas de Paris, e pouco antes da madrugada, tomado de horror, atirara a carteira com o dinheiro para um monte de lixo, á esquina de um boulevard.

Sherlock Holmes porém, graças ao seu extraordinário espírito deductivo, e à sua incomparável energia, para a qual não havia obstáculos conseguindo descobrir a verdade no meio d'este intrincado caso.

Dessa forma rehabilitou a memória do honrado Jacques Girardin, e vingou o pobre velho, o tio Carousse — o trapeiro de Paris.

FIM

Preços do Curso, em assinatura e de uma só vez

1.º Ano — Primeira classe

Curso completo em 20 lições, em brochura	40\$00
Idem, encadernado em percalina, 2 volumes com 640 páginas	50\$00
Por assinatura por 10 lições (uma cada semana)	20\$00

Pagamento adiantado.

2.º Ano — Segunda classe

(2 volumes com 640 páginas)

Curso completo em 20 lições, em brochura	50\$00
Idem, encadernado em 2 volumes	60\$00
Por assinatura de 10 lições (uma por semana)	25\$00

Pagamento adiantado.

3.º Ano — Terceira classe

(3 volumes de 320 páginas cada, ou sejam 960 páginas)

Em 30 lições

Assinaturas por 10 lições (uma cada semana)	30\$00
---	--------

Pagamento adiantado.

Não deixe de ver com atenção o numero de várias casas de ensino liceal, que já assinaram, além de muitos professores e professoras, que não só assinaram, mas também recomendaram a várias pessoas.

Colégio Infante D. Henrique — Sintra
Colégio Nossa Senhora do Carmo — Penafiel
Colégio S. S. Imaculada — Caminha
Colégio Santana — Barcelos
Colégio Rainha D. Leonor — C. da Rainha
Colégio S. José — Viana do Castelo
Colégio Arriaga — Lisboa
Colégio João de Deus — Silves
Colégio João de Deus — Porto
Colégio Almeida Garrett — Porto
Colégio N. S. da Conceição — Porto
Colégio Liceu Figueirense — Fig. da Foz
Colégio S. José de Ribamar — Lisboa
Colégio da Bafureira — Parede
Colégio de Lamego — Lamego
Colégio S. Luis — Espinho

Colégio Nuno Alvares — Tomar
Colégio Bartolomeu dos Martires — Braga
Colégio Dublin — Braga
Colégio do Sardão — Gaia
Colégio Missionario — Nogueiró — Braga
Escola Central de Officiais — Caxias
Escola Portugal-Brasil — Lisboa
Escola Costa Soares — Ávintes
Escola Agrícola de — Santarem
Escola Central da Vila da Ribeira Grande —
Cabo Verde
Instituto Politécnico — Lisboa
Instituto Secundário — Lisboa
Internato Renascença — Colares
Internato Académico — Guarda
Liceu Central Alexandre Herculano — Porto —

PROEZAS DE RAFFLES

O célebre gatuno amador

Leitura surpreendente, de enredo agradável, que prende e emociona.

Os grandes roubos, que êste praticava a favor da humanidade, dos pobres; dos desprotegidos da sorte, dos sofreadores, deixa-nos surpresos e encantados pela sua incomparavel audácia e arrojo com que os realisava, enfrentando perigos reais e perigosos.

Enfim, Raffles, roubava os ricos para dar aos pobres.

Cada volume de 64 páginas, é uma obra completa.

C L E I A M :

N.º 1 — O assalto no combóio

N.º 2 — O roubo do quadro

N.º 3 — Entre os apaches de Paris

N.º 4 — Ouro mexicano

Cada obra completa em formato de livro, illustrada com uma vistosa

capa a cores. 1\$50

A venda em todas as tabacarias e nas Agencias de Livraria, na provincia.

Pedidos para revenda à

EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL

Rua da Era, 17 — LISBOA

AVISO — A ABERTURA DESTA OBRA CONSTITUI A OBRIGAÇÃO DA SUA COMPRA